



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

---

## Especialização em Comunicação e Saúde

# CES

**DE PEITO ABERTO: OS DISCURSOS SOCIAIS SOBRE  
A MATERNIDADE PRODUZIDOS PELA MÍDIA  
NA COBERTURA DOS MAMAÇOS NO BRASIL**

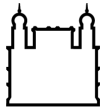
***Ariene Alexandra Rodrigues***

---

**Monografia**

Orientadora: Doutora Irene Kalil

Rio de Janeiro, 2017



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

## **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE**

### **DE PEITO ABERTO: OS DISCURSOS SOCIAIS SOBRE A MATERNIDADE PRODUZIDOS PELA MÍDIA NA COBERTURA DOS MAMAÇOS NO BRASIL**

**por**

**ARIENE ALEXSANDRA RODRIGUES**

Trabalho apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação e Saúde.

**Modalidade de trabalho:** Monografia

**Orientadora:** Doutora Irene Kalil

**Rio de Janeiro, fevereiro de 2017**

## AGRADECIMENTOS

À Irene Kalil, orientadora que passei a admirar muito antes de conhecer – ao ler sua tese – e que aceitou o desafio de me orientar. E que, sempre com muita serenidade, acolheu minhas dúvidas, compreendeu meus atrasos, me aconselhou e me tranqüilizou quando precisei;

Às professoras Ana Lucia Pontes e Marina Maria, por suas contribuições na banca, pelos e-mails e por me trazerem novas perspectivas;

À Janete Batista, que me fez questionar certezas e repensar a amamentação, e que, de alguma maneira, fez brotar a ideia inicial deste projeto;

Aos colegas da turma da especialização Comunicação e Saúde 2016, pelos momentos de troca, de aprendizado e de karaokê;

Aos amigos do “Grupo Inominável” de Curitiba: Adriano, Carol, Grazi, Luis, Liz, Paola e Victor, de quem o afeto se fez tão essencial diante da saudade e das incertezas;

Aos amigos Pastoreiros: Ariane, Daiane, Danilo e Fernando, por compartilhar ideais e ideias; em especial a Bruna por me relatar suas experiências acerca da maternidade e da amamentação, e a Thaís, pelo incentivo e por me amparar em tantos momentos em que minha presença se fazia necessária e que eu não estava lá;

Ao Douglas e Honislaine, pela cumplicidade de todo dia, mesmo na distância;

Aos novos amigos do Rio de Janeiro, em especial à Karla, Mairla e Valéria, que ouviram pacientemente eu relatar cada nova descoberta sobre os dilemas e prazeres da amamentação e de ser mulher;

A todas as mulheres da minha família – tias, irmã e, especialmente a minha avó Aglayr – que, de maneira diferente, experienciaram suas maternidades, aprenderam e me ensinam no dia a dia a viver como mulher e mãe diante de todas as investidas da vida.

E finalmente, à minha mãe, Dona Iara, por me ensinar o valor da amamentação, da maternidade e de ser mulher.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar os sentidos sobre a amamentação, maternidade produzidos nos discursos da mídia on-line durante a cobertura dos mamecos. Para isso, realizamos um apanhado histórico sobre tais temáticas, e partimos da observação da cobertura midiática utilizando alguns elementos da Semiologia dos Discursos Sociais para identificar quais sentidos são produzidos nesse processo. Encontramos uma cobertura baseada nos discursos tradicionais, onde se considera a amamentação uma prática muito mais ligada à criança do que a mãe, sem considerar que esta é uma prática que envolve sujeitos e suas subjetividades. Por isso, acreditamos que novas perspectivas frente ao assunto são necessárias na abordagem midiática, e que há a necessidade de considerar outros aspectos quando discutimos sobre amamentação.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Amamentação, aleitamento materno, maternidade, mameco, direitos da mulher.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	5
2. O CORPO FEMININO: UM OBJETO DE DOMINAÇÃO .....	9
2.1 O corpo que é do outro.....	10
2.2 A medicalização do corpo feminino.....	13
2.3 O instinto materno: uma construção histórica .....	14
3. AS MÚLTIPLAS CONCEPÇÕES DA MATERNIDADE .....	20
3.1 A ciência de ser mãe.....	21
3.1.1 A amamentação ensinada.....	22
3.1.2 As dificuldades de exercer a maternidade.....	23
3.2 Diferentes olhares .....	24
3.2.1 Maternidade transferida: uma questão de classe e cor .....	28
3.3 O espaço da mãe na sociedade.....	31
3.3.1 Seio feminino <i>versus</i> seio materno .....	33
4. ENTRE MÃES, MULHERES E MÍDIA: A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS ...	36
4.1 Breve histórico sobre os mamecos .....	36
4.2 Uma pesquisa à luz da Semiologia dos Discursos Sociais .....	37
4.3 A cobertura midiática e a construção de sentidos .....	39
4.3.1 O que falam as matérias .....	43
4.2.1 Os discursos produzidos .....	50
5. CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	59
ANEXOS .....	62
Anexo 1 - Matérias encontradas no período analisado .....	62
Anexo 2 - Descrição das matérias analisadas na pesquisa .....	70
Anexo 3 - Matéria de 2011 analisada.....	62
Anexo 4 - Matéria de 2012 analisada.....	77
Anexo 5 - Matéria de 2014 analisada.....	79
Anexo 6 - Matéria de 2016 analisada.....	81

## 1. INTRODUÇÃO

A amamentação é tema frequente de debates fora e dentro da academia, em todo o mundo, a partir de diferentes perspectivas. O ato de alimentar uma criança através do leite humano tem propiciado desde os estudos mais tradicionais, que abordam a importância e os impactos do aleitamento materno no desenvolvimento do bebê, até aqueles que partem de uma perspectiva das Ciências Sociais, como, por exemplo, Estudos de Gênero, que consideram a mulher como parte importante desse processo e analisam outros pontos para além do discurso da biomedicina. Todos eles demonstram a relevância do debate sobre a temática nos dias atuais.

Ao mesmo tempo em que grande parte das pesquisas adotadas por organismos internacionais estimula a amamentação materna sob livre demanda com caráter exclusivo no primeiro semestre de vida do bebê, e complementar até os dois anos, as mulheres ainda sofrem com o julgamento por amamentarem. As justificativas são as mais variadas, passam pela idade da criança, que pode ser “muito velha” para o ato, pela “qualidade” do leite materno, pelo discurso construído ao longo de anos da eficácia das fórmulas, e até mesmo pela exposição que a lactação pode causar para uma mulher. A cena de uma mãe amamentando pode causar incômodo para uns, satisfação para outros, e, em alguns casos, pode até transformar a legislação local por meio da mobilização de grupos da sociedade civil.

Mas, afinal, a quem pertence a amamentação? À mãe, ao bebê ou à sociedade? A pergunta que pode soar estranha, em um primeiro momento, ajuda a observarmos com delicadeza o ato que parece tão comum, mas que envolve muito mais que apenas alimentar um filho. Ao oferecer a uma criança o leite materno, várias incertezas podem rodear a cabeça dessa mãe: Devo tirar o seio em qualquer espaço? Seria melhor cobrir com uma toalha? Dar mamadeira não seria uma opção mais prática? Se por um lado a sociedade espera que uma boa mãe amamente seu filho como sinal de amor, por outro, coloca condições para que isso aconteça: de preferência em ambiente privado ou familiar, sem nenhuma testemunha e sem “expor” seu corpo a um desconhecido. E as que ameaçam

contrariar isso são julgadas por meio de olhares de reprovação, convites a se adequar ao espaço onde estão, ou mesmo a proibição de fazê-lo no local. Wolf (2008) afirma que as mulheres não se sentem à vontade para amamentar em público por uma razão muito simples: "o público não fica confortável ao vê-las amamentar" (p. 2, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Essas situações de constrangimento social para mães que amamentam em público têm gerado diversas manifestações pelo mundo, desde a elaboração de campanhas publicitárias que discutem o local ideal para a lactação no espaço coletivo até manifestações de mães que defendem o amamentar em qualquer espaço em diferentes países. Argentina, Colômbia, Filipinas e México são alguns exemplos de como o mundo vem abordando a amamentação por uma lógica que vai além do bem-estar do bebê. Nesses países, os chamados "mamaços" têm sido noticiados como uma estratégia de mobilização social em busca de outra perspectiva da amamentação em público. Wolf (2008) lembra que

Esta insistência de que os bebês só devem ser amamentados por trás de portas fechadas expõe a nossa personalidade dividida sobre a amamentação. Nós insistimos que a amamentação é uma boa coisa a fazer. E insistimos que é uma coisa ofensiva a fazer. Nosso escrúpulo com a amamentação em público tem consequências que recusamos reconhecer. (p. 2, tradução nossa)<sup>2</sup>

No Brasil o cenário não é diferente. O debate sobre a amamentação ganha espaço com os mamaços que se estabeleceram no país desde 2011, inicialmente em São Paulo, depois em Belo Horizonte e outras dezenas de cidades. Os mamaços surgiram como manifestações de mães que se mobilizavam pelas redes sociais, mas esses protestos se espalharam pelo país, ganhando as páginas dos impressos e espaço no mundo virtual. As manifestações chegaram a mobilizar as casas legislativas, que atentaram para as recorrentes reivindicações e criaram leis que protegessem as mães e as crianças de abordagens impróprias. A partir das manifestações populares, os eventos ganharam tanta visibilidade que passaram a ser adotados como parte do calendário da Semana Mundial da

---

<sup>1</sup> "[...] most women are not comfortable breastfeeding in public because the public is not comfortable seeing them breastfeed".

<sup>2</sup> "This insistence that babies should only be breastfed behind closed doors exposes our split personality on breastfeeding. We insist breastfeeding is a good thing to do. And, we insist it is an offensive thing to do".

Amamentação (SMAM)<sup>3</sup>, promovida pelo Ministério da Saúde (MS), sob o título de a “Hora do Mameço”. Nosso objetivo, neste trabalho, é, a partir da observação da cobertura sobre os mameços, analisar os sentidos sobre amamentação, maternidade e direitos femininos produzidos nos discursos da mídia on-line. Acreditamos que a produção de sentidos sobre esse tipo de temática pela mídia costuma, muitas vezes, pautar-se na reprodução do discurso oficial, biomédico e da normatização social – que é visto a partir dos direitos das crianças –, e nem sempre as reportagens dão espaço para discutir a amamentação pelo olhar dos direitos das mulheres. A ideia é que, ao abordar o assunto sob outra ótica, a imprensa cria a oportunidade de novos conhecimentos e crenças a seus leitores, como no caso dos mameços. Para buscarmos respostas para essas inquietações, optamos por examinar as diferentes vozes que a mídia ouve para construir o discurso sobre os mameços, além de observar se a discussão dos direitos das mulheres ganha espaço e novos olhares da mídia nacional durante a cobertura dos mameços.

Resgatamos, no Capítulo 2 – “O corpo feminino: um objeto de dominação”, o entendimento social sobre o corpo da mulher, que sempre foi tido como um corpo controlado e pertencente ao outro. Procuramos também abordar como a medicina acabou transformando esse corpo em doente e medicalizado, e que precisava de atenção permanente, e como esse controle serviu de suporte para o Estado, especialmente por meio da imposição de uma ‘natureza feminina’ que consistia na reprodução e no bom cuidado dos filhos – o que poderia significar um bom futuro

---

<sup>3</sup> Comemorada desde 1992 em mais de 150 países, a Semana Mundial da Amamentação (SMAM) acontece na primeira semana de agosto e é promovida pela *World Alliance for Breastfeeding Action* (WABA), ou Aliança Mundial para Ação em Aleitamento Materno, em português. A WABA foi criada em 1991 como um órgão consultivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e é composta por indivíduos e organizações de todo o mundo “empenhadas na proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno como um direito de mães e crianças, independente de raça, credo ou nacionalidade”. No Brasil, a Sociedade Brasileira de Pediatria era responsável pela SMAM até 1998, quando o Ministério da Saúde assumiu esse papel. A Semana busca mobilizar a sociedade, conscientizando a “população e profissionais de saúde sobre a importância do aleitamento materno para a saúde da mãe e do bebê, e os benefícios que traz para a sociedade e o País”. Dessa forma, a Semana colabora para o aumento dos índices de amamentação e redução das taxas de mortalidade infantil e, consequentemente, para a melhoria dos quadros de saúde materno-infantil do país. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/514-sas-raiz/dapes/saude-da-crianca-e-aleitamento-materno/l2-saude-da-crianca-e-aleitamento-materno/10378-primeira-infancia>>. Acesso em: 26 nov. 2016.



para a nação. Dessa forma, o instinto maternal e novas noções de maternidade foram sendo moldadas ao longo dos séculos.

No Capítulo 3 – “As múltiplas concepções da maternidade”, nossa proposta foi concentrar os estudos sobre a maternidade nos exemplos brasileiros mais recentes, especialmente a partir do início do século XX, e explorar as diferentes noções de maternidade. No decorrer desse capítulo, tratamos ainda da influência do movimento feminista e de gênero, além de abordar as particularidades da maternidade que envolvem as mulheres negras e pobres no decorrer dos anos, e a relação entre o espaço doméstico, o trabalho e a maternidade.

Por fim, o quarto capítulo, “Entre mães, mulheres e mídia: a construção dos discursos”, apresenta um histórico sobre os mamecos no Brasil e visa identificar os discursos que a mídia utiliza e constrói sobre o corpo feminino, maternidade e amamentação por meio da cobertura dos mamecos no Brasil. Com base em alguns conceitos da Semiologia dos Discursos Sociais (PINTO, 2002), analisamos matérias dos anos 2011 (primeiros mamecos), 2012 (criação da “Hora do Mameco”), e do biênio 2014 e 2016 procurando observar que discursos são destacados e adotados nas matérias, além de examinar quem fala, o que fala e como fala .

A Conclusão busca destacar novas perspectivas frente ao assunto, como por exemplo, ao falar da amamentação, abordar outro olhar: o das necessidades e inquietações da mulher que também participa do ato. A discussão da prática, apesar de ser mundial, presente em diferentes ambientes – não apenas naqueles que abordam a saúde –, não percebe/viabiliza esse outro olhar sobre a amamentação e sua prática em diferentes espaços, levando a mídia a reforçar esse discurso, sem abrir outras interpretações e perspectivas. Destacamos ainda que tentativas de mudanças estão sendo feitas por entidades, porém é preciso ir além, considerando as diversas questões como raça e classe que devem estar presentes quando se fala em amamentação.

## 2. O CORPO FEMININO: UM OBJETO DE DOMINAÇÃO

*Um dia  
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino tudo me daria  
Do que eu quisesse ter  
Que nada  
Minha porção mulher, que até então se resguardara  
É a porção melhor que trago em mim agora  
É que me faz viver (Gilberto Gil, Super-homem, a canção, 1979)*

1979. Em uma década de efervescência cultural no mundo, Gilberto Gil escreve *Super-homem, a canção*, onde retrata sua experiência de vida em um mundo altamente masculino, afirmando que a melhor parte dele estava guardada na porção mulher que, até aquele momento, estava guardada. 2016. Mais de 30 anos depois, o cantor resgata seu processo de criação da música, e afirma que, desde então, as mulheres ganharam espaço na sociedade ao “enfrentar a visão masculina”, e que, de alguma maneira, sua música retrata e contribui para este feito.

Foi entendendo que precisava rever o campo vasto de relacionamento com a mulher. (...) Todas as outras questões sociais decorrem disso. Eu sou adepto da harmonização, gosto muito de tudo que possa ter cheiro de harmonia. (Gilberto Gil em entrevista ao GNT)<sup>4</sup>

Apesar das mudanças apontadas e acreditadas pelo cantor, mais de trinta anos depois a posição da mulher ainda carece de aceitação. Prova disso são os grupos, coletivos e ações que ganham espaço nas ruas e na internet para defender os direitos das mulheres e discutir sobre seu lugar na sociedade.

Um exemplo disso é o debate sobre os direitos sexuais que, assim como na década de 1960 e 1970, ainda são pautas das lutas feministas. Se naquelas décadas, em muitos países, elas solicitavam a utilização da pílula e uma maior liberdade sexual, atualmente um dos debates é a descriminalização e legalização do aborto. A violência contra a mulher é outra pauta que saiu dos espaços fechados para as ruas. Da mesma forma, o debate sobre os diferentes papéis a serem assumidos por elas na sociedade – como a maternidade – passou a fazer

---

<sup>4</sup>Entrevista concedida ao programa Papo de Segunda, do canal GNT. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/papo-de-segunda/materias/gilberto-gil-conta-como-criou-musica-super-homem-inspirado-no-filme-de-1978.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

parte do cotidiano de muitas delas. O papel da mulher enquanto mãe ganhou espaço também nas políticas públicas ao ser tema de convenções internacionais, e adquirir normativas a serem adotadas por países de todo o mundo, a partir de debates levantados por mulheres. A participação feminina na esfera pública é algo que não se imaginava há alguns séculos, sequer quando a pauta eram elas mesmas.

Conforme veremos ao longo deste trabalho, o debate sobre a maternidade não possui uma visão única dentro do movimento de mulheres. O discurso sobre a maternidade é considerado por muitas uma construção social que vem ganhando novos contornos ao longo dos anos, criando divisões entre aqueles que o debatem e adquirindo novas concepções sobre o papel da mulher e da mãe, seus direitos e os direitos da criança. Neste capítulo, resgatamos brevemente o entendimento sobre o corpo feminino, a medicalização que o perpassa e a concepção do instinto materno.

## **2.1 O corpo que é do outro**

Para compreender os diferentes sentidos presentes nos discursos quando se aborda a amamentação, a mulher e a maternidade, é preciso pensar no papel que o corpo feminino assume ao longo da história. Muitos dos autores que buscam resgatar esse panorama histórico retratam como a mulher foi silenciada, já que não participava dos espaços públicos. A partir desse panorama, podemos buscar nos trabalhos de Pierre Bourdieu (2012) e Michel Foucault (1984) a noção de corpo como instrumento cultural e de controle social (BORDO, 1997, p. 19), que nos ajuda a entender esse retrato histórico.

Foucault (1984) afirma que, por meio da disciplinaridade, os corpos vigiados tornam-se dóceis ao serem observados e que o poder exercido em sociedade é “muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado” (p. 122). Pode-se dizer que o corpo feminino durante muito tempo obedeceu à mesma lógica, sendo disciplinado em busca de um ideal de bondade, de serenidade, de submissão – a construção sociocultural da feminilidade; o oposto do corpo masculino, tido como forte, altivo e capaz, aquele que se sobrepõe. Bordo (1997) acredita que “o disciplinamento e a normatização do corpo feminino

(...) têm de ser reconhecidos como uma estratégia espantosamente durável e flexível de controle social” (p. 20).

Para Bourdieu (2012), há uma relação assimétrica entre os gêneros, com destaque para o masculino. Para o estudioso francês, o masculino simboliza o domínio, e o feminino, a submissão. Entretanto, essa diferenciação se faz especialmente através de características sociais, não somente biológicas, mas que se aproveitam destas últimas para atribuir valor as suas concepções. Conforme ele explica:

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: *ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada.* (BOURDIEU, 2012, p.33, grifo do autor)

O pesquisador afirma que essa disciplinaridade do corpo é repetida incessantemente pela mulher, como pode ser observado no cerceamento em relação a sua aparência física: como ela se veste ou se penteia. Isso reforça os princípios antagônicos da identidade masculina e feminina a partir de maneiras permanentes de servir do corpo (BOURDIEU, 2012). O autor lembra que:

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades (principalmente maternas) que, mesmo quando aparentemente reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens. (p. 116)

Essa participação marcada de que fala Bourdieu, delimita o espaço da mulher na vida em sociedade e faz com que ela assuma determinados papéis sociais, como o de “cuidadora”, conferindo-lhe “uma posição hierárquica inferior em relação aos homens publicamente ativos e provedores” (SAYÃO, 2003, p. 123). Dessa forma, à mulher cabia o papel de observadora, não participante do espaço, das discussões e das decisões, mesmo quando se fala dela. Ela sempre foi citada, analisada, sugestionada e, da mesma maneira, silenciada. Seu corpo é onipresente, entretanto opaco, como relata Perrot (2003, p. 13). No espaço social, sua existência estaria na esfera do privado, do lar, jamais na esfera pública, no

espaço de debate e ideias – este espaço seria exclusivamente masculino. Para a autora, que resgata a visão do feminino desde o século XVII, o corpo feminino na história é relacionado à função da procriação, uma expressão da construção do pensamento simbólico que foi reforçada ao longo do tempo pelos discursos médicos ou políticos. Neste trabalho, o discurso médico ganha espaço de destaque, já que é a partir dele que será observado como essa construção está implicada no entendimento sobre o que é ser mulher e mãe.

O corpo da mulher, portanto, foi considerado sempre como “do outro”: primeiramente de seu pai; depois de seu marido que herda o poder paterno sobre a mulher, e possui a dominação sexual; depois, de seu filho, aquele a quem ela deve dedicação exclusiva. E, por extensão, à sociedade, que observa e julga esse corpo, determinando seus usos. Uma variação sobre estes conceitos começa a acontecer com a segunda onda feminista, ocorrida no século XX. O próprio Foucault aponta que a liberação sexual e a prática dos movimentos feministas da década de 1960 começaram a observar as lógicas que eram aplicadas ao corpo feminino, e usar-se delas próprias para realizar algum tipo de mudança. Em *Microfísica do Poder* (1984), o autor afirma que:

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. "Vocês são apenas o seu sexo", dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. "Vocês são a doença do homem". E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência. [...] Ora, os movimentos feministas aceitaram o desafio. Somos sexo por natureza? Muito bem, sejamos sexo, mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis. Tiremos disto as conseqüências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural... (p. 234)

Conforme indica o filósofo, foi a partir da década de 1970 que novas perspectivas passaram a ser adotadas pelas mulheres, em busca de um reconhecimento de direitos. A atuação do feminismo na busca pelo reconhecimento dos direitos das mulheres será abordada mais à frente.

## 2.2 A medicalização do corpo feminino

Se historicamente a mulher era vista como um ser inferior, o saber científico - produzido pelos homens - durante muito tempo procurou comprovar essa ideia. E a medicina, que passa a ser considerada como saber científico a partir do século XVIII, procura normatizar esse entendimento de naturalização do corpo como objeto, em especial as implicações da reprodução humana, conforme retrata Vieira (2002):

A história da apropriação do corpo feminino pelo saber médico foi efetivamente marcada pelo desenvolvimento de um conhecimento cirúrgico e tecnológico promovido pela aproximação da medicina no momento do parto, a partir do qual esse saber se ordena e se sistematiza com o nome de obstetrícia. (p. 23)

Segundo a autora, a emergência da prática médica enquanto ciência acontece em um momento bastante particular da sociedade capitalista, dando vazão à medicalização dos corpos, em especial o feminino, que pode colaborar na regulação de vários aspectos sociais, como os nascimentos.

A medicalização do corpo feminino está profundamente articulada à emergência da nova visão da prática médica que se consolida no século XIX. O significado dessa nova visão [...] está relacionado à questão da reprodução focalizada na mulher e na necessidade da sociedade controlar suas populações (VIEIRA, 2002, p.21).

Vieira aponta que a medicina passa então a ser um instrumento que serve também ao Estado, permitindo ao profissional médico uma maior penetração e poder na sociedade, e concedendo a ele a adoção de papéis sociais mais amplos, como a de educador e guardião da moral e dos bons costumes. Com o conhecimento concentrado nas mãos dos homens, o que se vê ao longo dos séculos XVIII e XIX, é uma legitimação da exclusividade do saber médico relacionado ao corpo feminino, em especial ao parto. Se antes o saber sobre o corpo feminino cabia às mulheres, inicia-se aí um momento de mudanças. Segundo Perrot (2002), o poder médico conquistou tamanho alcance a ponto do conhecimento sobre o corpo feminino pelas próprias mulheres ser “uma das acusações apresentadas contra as feiticeiras, objeto de verdadeiras perseguições na França e na Europa, sobretudo no século XVII” (p. 22).

A partir da prática médica direcionada às especificidades do corpo feminino, com a criação da obstetrícia, novas especialidades foram originadas, como a

ginecologia, e outras relacionadas à reprodução humana, firmando novamente o lugar do corpo feminino como um corpo transtornado a ser contido, bem como um importante instrumento de atuação do Estado na normatização social.

Perrot (2002) afirma que:

Na sociedade ocidental burguesa, as tentativas de controle do corpo das mulheres e de sua capacidade procriativa foram responsáveis pela configuração das mais diversas representações do corpo feminino, tendo como alvo o aparelho reprodutor. (...) Nos dias atuais, o corpo feminino e a capacidade procriativa que ele representa mantêm grande importância; o útero das mulheres tornou-se, entretanto, um órgão passível de controle e de descarte. De alvo de vigilância sobre a sexualidade feminina, visando à procriação legítima, tornou-se o responsável pela explosão populacional e pelo desconforto pessoal e familiar. (p.174)

O pensamento regulador do olhar médico de outrora é o entendimento de que a finalidade deste corpo seria a reprodução, indo ao encontro a sua condição orgânica, ou “natural” (VIEIRA, 2002, p. 26). Essa concepção de “natureza feminina” ajuda a explicar o discurso médico-social que delega a este corpo determinações sociais, como a redução da mortalidade infantil, quando o coloca como instrumento de um projeto de nação. Para Vieira (2002), é a ideia de natureza feminina que permite a medicalização do corpo da mulher. A autora destaca três aspectos que colaboraram para que a medicina explicasse a natureza feminina: a educação das mulheres, a sexualidade e a menstruação. A interação entre estes aspectos ajudou a criar os padrões de normalidade científica, disciplinando o corpo feminino e produzindo os discursos adotados pela medicina da época. Entre eles está a concepção de maternidade e da existência de um instinto maternal que é próprio da mulher e existente em todas elas. Algumas dessas concepções serão abordadas a seguir.

### **2.3 O instinto materno: uma construção histórica**

A filósofa Elisabeth Badinter traz outras convicções sobre o papel da maternidade na vida de uma mulher. Criticada por uns e aclamada por outros, Badinter lançou na década de 1980, o livro *“L’amour en plus”*, no Brasil, “Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno” (1985), onde afirma que o instinto maternal ou o amor materno, tal qual se espera das mulheres, é, na verdade, uma construção social

realizada ao longo de anos, podendo variar de acordo com a época e costumes do período. Tais afirmações frequentemente são contestadas por quem acredita que as mulheres têm essa vocação natural. A autora, entretanto, afirma que esse tipo de apelação comprova que o olhar para o ser maternal ainda está pautado na comparação com Maria, mãe de Jesus, “símbolo do indefectível amor oblato” (BADINTER, 1985, p. 9), o que nos leva a um olhar sacralizado sobre a mãe. Segundo o livro, o olhar sobre a maternidade foi construído socialmente ao longo dos séculos a partir da exclusividade feminina de gestar, parir e amamentar, o que gerou uma dominação sobre a mulher que pode ser observada, em outros tempos e até os dias atuais, a partir da delegação, somente a ela, da função de cuidar dos filhos. Essa concepção de maternidade e de família data do fim do século XVIII, como retrata Badinter (1985) ao resgatar a história da construção da maternidade. Ao contar as histórias que constroem o ideal de maternidade no decorrer dos anos na Europa, a filósofa afirma que foi somente a partir desse período que o cuidado com os filhos passou a ser cobrado da mulher, sendo a amamentação uma das formas de exemplificar as mudanças nas concepções sobre a maternidade que vigoravam até então.

Entre os séculos XVII e XVIII, na França, era comum, por exemplo, que as famílias enviassem seus filhos para o cuidado de amas de leite<sup>5</sup>. Dependendo da situação econômica da família, os pequenos ficavam em locais mais próximos de onde os pais moravam e as amas eram escolhidas previamente. Entretanto, não eram poucas as crianças destinadas a amas que as famílias sequer conheciam, achadas às pressas ou mesmo enviadas a mulheres desconhecidas através de “mensageiras”<sup>6</sup>. Muitas dessas famílias, especialmente as mais pobres, pela falta de leitura e escrita, passavam anos sem saber o que se passava com seus filhos

---

<sup>5</sup> Para se ter noção da importância das amas de leite e amas – aquelas que não necessariamente amamentavam, mas se responsabilizavam pela nutrição e cuidado da criança durante a primeira infância – à qual se refere Badinter (1985), resgatamos uma parte de seu texto onde ela traz alguns números de sua pesquisa sobre os nascimentos na França da época: “Se considerarmos que dos 21 mil bebês parisienses nascidos em 1780, houve quase mil amamentados a domicílio por uma ama-de-leite, é fora de dúvida que não houve mil amas escolhidas com tanto cuidado quanto aquelas dos lactentes reais” (p. 119).

<sup>6</sup> De acordo com Badinter, eram mulheres que atuavam intermediando o contato entre as famílias e as amas, como uma espécie de “agência de emprego”, levando as crianças “sem nome, sem domicílio, assistem ao batismo, recebem a lembrança, levam a criança, entregam-na pelo menor preço, ou a confiam ao primeiro que aparecer... Não dizem à ama o nome da criança... Não dão à família o nome de uma ama que ainda não têm, e que esperam encontrar em seguida” (PROST DE ROYER, 1778 apud BADINTER, 1985, p. 120).



e estes, se não morressem durante a infância, voltariam ao lar dos pais por volta dos 5 anos de idade. Os bebês mais abastados ganhavam governantas e preceptores para cuidar da sua educação até o momento do internato. Era comum, por volta dos 10 anos, que as famílias trocassem seus filhos para servirem de criados ou aprendizes. Mesmo que pudessem ensinar aos seus descendentes, a troca era feita, detectando que “esse uso mostra que é mais fácil ser bom patrão do que bom pai. Como se, ao intervirem os laços de sangue, as relações se tornassem mais difíceis...” (BADINTER, 1985, p. 131).

Em trechos da obra, Badinter (1985) classifica como “desinteresse” e “indiferença” o trato das mães com os filhos na época, e lembra que as mesmas não sofriam com uma ideologia moral. Foi o alto índice de mortalidade infantil um dos motivos que levaram a sociedade a transformar o olhar que tinha sobre as crianças. Ou melhor, a possibilidade de as enormes taxas de mortalidade afetarem a geração de riqueza para o Estado levou a população a ter um cuidado maior com as crianças no fim do século XVIII. O novo regime não se importava mais tanto como período da infância que acontecia após o desmame, mas se preocupava com a primeira etapa da vida, na qual se concentrava o maior índice de mortes. A criança adquire caráter mercantil, passando a ser essencial para uma nova demografia francesa, como futuros combatentes de guerra e como trabalhadores (BADINTER, 1985).

Segundo Badinter (1985), foi Jean-Jacques Rousseau, em “O Contrato Social” quem traduziu em palavras os ideais iluministas adotados na época, dando à família, em especial ao papel da mulher, uma nova concepção, já que essa família tinha como fundação o amor materno. Badinter recorre ao autor para argumentar a criação de um instinto maternal:

Quando Rousseau imagina o hipotético estado de natureza, assim descreve as relações entre os membros da família natural: “Os machos e as fêmeas uniam-se fortuitamente, segundo o encontro, a ocasião e o desejo... deixavam-se com a mesma facilidade. A mãe amamentava os filhos de início por necessidade própria; depois, tendo se afeiçoado a eles por hábito, passava a amamentá-los pela necessidade deles”. Observe-se que nesse estado quase animal, a mulher-fêmea não amamenta a princípio o filho senão para satisfazer a própria necessidade, isto é, para aliviar-se das dores provocadas pela subida do leite. É a necessidade, e não o amor, que a leva primeiro a dar o seio, e

que é portanto a primeira causa da maternagem. Todos os que discorreram sobre o amor materno e a dedicação espontânea da mãe pouco falaram sobre esse aspecto das coisas. Esqueceu-se que o aleitamento era em primeiro lugar mais o efeito do egoísmo materno, do que do seu altruísmo. (BADINTER, 1985, p. 164)

Nesse momento, é importante lembrar que foi a preocupação com o ato de amamentar e suas conseqüências que levava muitas mulheres, no século XVIII a enviar seus filhos às amas de leite. As de maior poder aquisitivo se preocupavam com a possibilidade de perder a beleza, já que se acreditava que a amamentação poderia deixar seus seios flácidos; em outros casos, os maridos encaravam a amamentação como um atentado a sua sexualidade e uma restrição ao seu prazer, ou reclamavam do forte cheiro do leite. “Para eles, o aleitamento é sinônimo de sujeira. Um verdadeiro antídoto contra o amor”, relata Badinter (1985, p. 96). Para as mulheres mais pobres, as amas eram uma possibilidade de não se ausentarem do trabalho. Conforme retratado anteriormente, esse cenário muda, e a amamentação também passa ser uma responsabilidade exclusiva da mãe, e que não pode mais ser repassada a outras mulheres, como acontecia em séculos anteriores. O ato de amamentar passa a ser visto como uma prova do amor e dedicação materna, conforme os ideais iluministas da época, circunscrevendo a mulher a um papel bem específico na sociedade patriarcal que se defendia: ela é peça-chave nesse ideal de família que surge do amor entre homem e mulher:

A procriação é uma das doçuras do casamento: e que seria mais natural que amar em seguida os seus frutos? Quando os esposos se escolheram livremente, o amor que sentem um pelo outro se concretizará naturalmente em sua prole. Os pais amarão mais os filhos e as mães, dizem, retornarão livre e espontaneamente a eles. Pelo menos, é essa a nova ideologia de que Rousseau foi um dos melhores representantes.

Desse ponto de vista, exaltam-se interminavelmente as doçuras da maternidade, que deixa de ser um dever imposto para se converter na atividade mais invejável e mais doce que uma mulher possa esperar. Afirma-se, como fato incontestável, que a nova mãe amamentará o filho pelo seu próprio prazer e que receberá como prenda uma ternura infinita. Progressivamente, os pais se considerarão cada vez mais responsáveis pela felicidade e a infelicidade dos filhos. (BADINTER, 1985, p. 177)

A mãe passa a ser exaltada como responsável pela boa criação. Tal valorização da maternidade levou as mulheres a um reconhecimento que não haviam experimentado até então. Badinter (1985) afirma que elas acreditaram “conquistar o direito ao respeito dos homens, o reconhecimento de sua utilidade e de sua

especificidade. Finalmente, uma tarefa necessária e ‘nobre’, que o homem não podia, ou não queria, realizar” (p. 147). A noção de maternidade que se tem atualmente – aquela citada no início do texto, como uma maternidade que tem a mãe de Jesus como exemplo – ganha aqui seus primeiros contornos. Caberia à mulher cumprir esse papel que garante à família a união e bons descendentes, e ao Estado, um bom futuro.

Na passagem do Iluminismo para o período Moderno, essa concepção ganha força com a adoção da amamentação como prova de cuidado ao filho, além da presença de médicos nas residências orientando as mães a darem o melhor aos seus filhos, criando uma espécie de ‘especialistas’ – apesar de a pediatria ter surgido um século mais tarde. Então, na Europa, as parteiras passaram a ser substituídas por médicos homens, campanhas foram criadas para que as amas de leite deixassem de ser tão procuradas, entre outras ações. Segundo Meyer (2000), tais ações perpassam a “reestruturação das políticas de reprodução humana vigentes” (p. 6), tendo a amamentação e o seio feminino papel bastante significativo na construção de um novo ideal de sociedade:

(...) O seio feminino foi codificado com múltiplos sentidos desde que se registra a história humana, localizam nesses séculos uma conjunção de eventos que “transformaram os seios [e a prática da amamentação] no campo de batalha de controversas teorias sobre a raça humana e os sistemas políticos (...) [de tal forma que eles] viriam a ser associados à própria idéia de nação, tal como nunca acontecera” antes (YALOM, 1997 apud MEYER, 2000, p. 6, grifos da autora).

A abordagem biológica do papel da mulher na sociedade ganha espaço cada vez maior. As responsabilidades da mulher em relação aos filhos também. Isso gera, segundo Badinter (1985), o dever moral e a culpa, cada vez mais comuns às mulheres dos séculos XIX e XX. A “natureza feminina” colocava as mulheres num papel específico: o de ser mãe.

Graças à psicanálise, a mãe será promovida a "grande responsável" pela felicidade de seu rebento. Missão terrível, que acaba de definir seu papel. [...]

Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral. Foi essa, durante muito tempo, uma causa importante das dificuldades do trabalho feminino. A razão também do desprezo ou da piedade pelas mulheres que não tinham filhos, do opróbrio daquelas que não os queriam. (BADINTER, 1985, p. 237)

Desde o início do século XX, essa concepção passa a ser questionada por algumas vertentes feministas, enquanto outras adotam o olhar da maternidade como prática política. Discussões estas que serão vistas nos próximos capítulos.

### 3. AS MÚLTIPLAS CONCEPÇÕES DA MATERNIDADE

Se o desenho da maternidade ganhou novos contornos na Europa entre os séculos XVIII e XX, no Brasil não foi diferente. Apesar de chegarem um pouco mais tarde, vigoraram por aqui, da mesma forma, os ideais de família, educação e responsabilidade das mulheres enquanto mães. Meyer (2000) resgata Tubert (1996 apud MEYER, p. 5) para interpretar os sentidos que explicam como a maternidade foi historicamente construída a partir do século XVII até chegar à modernidade. Para isso, a autora se utiliza de três pressupostos que, articulados, explicam a concepção atual: aquele que aborda a maternidade e a capacidade de geração biológica de um novo ser; o que lembra como a geração deste ser está ligada ao corpo feminino; e o último, que restringe a identidade da mulher à identidade de mãe (MEYER, 2000). A autora lembra que

Educação e Saúde são dois dos campos de conhecimentos e práticas que produzem, atualizam e repetem, incessantemente, o que a mãe é ou deve ser e sua "autoridade científica" constitui uma importante estratégia de naturalização e universalização de tais definições. (MEYER, 2003, p.34)

Em sua tese, Maria Martha de Luna Freire (2009) alega que as atribuições que derivam dessa perspectiva dão à mulher um novo lugar de importância nessa sociedade moderna: ela agora é responsável por garantir cidadãos à pátria, levando a maternidade “à dimensão de ordem pública, devendo ser amparada e protegida” (p. 19). A construção de uma identidade nacional era vista por dois pontos principais: a valorização da infância e a adoção da ciência. A medicina passa a ser adotada como representante dessa cientificidade, e assume papéis bastante significativos para garantir o sucesso da nação pretendida. Entre eles, estavam ações de proteção à gestação e ao parto, passando a ser referência no cuidado da maternidade, de modo que, como a autora relata, “a ciência foi acionada na conformação do modelo de maternidade científica” (FREIRE, 2009, p 21). Segundo Freire (2009), esse fenômeno culminou em um movimento que pedia pela “educação das mulheres para o exercício da maternidade” (p. 19), temática que ela expõe ao analisar as revistas femininas da década de 1920 no Brasil. De acordo com a pesquisadora, era essencial que essas mulheres estivessem bem preparadas para o seu ofício de ser mãe e boas esposas, e

seriam os médicos aqueles que as ensinariam como fazer isso de maneira adequada.

### 3.1 A ciência de ser mãe

Maria Izilda Santos de Matos (2003), em estudo que busca retratar a São Paulo de 1890 a 1930, relata que o médico era visto como um agente transformador, que, em uma época de urbanização no Brasil, aplicava a lógica higienista como essencial para a política de intervenção reformista que buscava o Estado. Para a medicina da época, a educação das mulheres era um caminho plausível para a assepsia dos lares, a nutrição de seus filhos e maridos. Era ela a responsável pelo bem-estar da nação que estava sendo remodelada, sendo que “a ‘nova mulher’, submetida à tutela médica, além de se constituir num agente familiar da higiene social, tornava-se o baluarte da moral da sociedade” (MATOS, 2003, p. 110). Vieira (2002) também aponta que o espaço da mulher na sociedade brasileira de caráter sanitarista (especialmente entre os séculos XIX e XX) tem ênfase em seu papel como mãe de família:

[A mulher] passa a ser valorizada como esposa e mãe, ganhando maior autoridade e responsabilidade pelo espaço doméstico, o que relativiza o poder do marido no núcleo familiar. [...] O discurso médico com sua racionalidade produz argumentos que devem provar que a mãe é a pessoa mais adequada para cuidar das crianças. Nascida para o casamento e para a vida doméstica, o valor da mulher está na sua condição maternal. (p. 29)

Freire (2009), ao analisar as revistas femininas, mostra como a relação educativa do discurso médico incorporado pelas publicações colaborou para construir a identidade da maternidade científica no Brasil. A autora relata que uma das revistas analisadas tinha a intenção de “ensinar a mulher a ser mulher” (p. 26), frase que demonstra como a união da educação – também a escolar – e da higiene era considerada uma estratégia fundamental de constituição da nacionalidade para os reformadores republicanos. Uma das ideias, como destaca Vieira (2002), era a “capacitação” dessas mães para formar uma sociedade sadia, “evitando doenças e a mortalidade, principalmente a infantil” (p. 36). A puericultura, de acordo com Freire (2009), era a base técnica da maternidade científica. Dentro desse contexto, um dos principais pontos tratados nas revistas era a nutrição dos pequenos pelas mães.

### 3.1.1 A amamentação ensinada

Tema de grande importância já na época, a amamentação era considerada como atividade natural das mulheres, mas nem por isso deixou de ser ensinada a elas. Como afirma Freire (2009), “a amamentação seria submetida à racionalidade médica e explicada segundo os cânones da ciência da higiene, tornando-se alvo de processo pedagógico específico” (p.218) e, de pesquisas médicas sobre a composição do leite humano, cuidados necessários ao amamentar, entre outros assuntos.

Se na Europa a amamentação materna foi utilizada como uma forma de controlar a demografia local, no Brasil o debate teve forte caráter sanitarista, buscando afastar o contágio de doenças da criança e da família. Entre as indicações para que essa missão fosse cumprida de forma satisfatória, estavam a boa alimentação da mãe (que garantiria uma produção adequada de leite), descanso adequado (o que incluía a limitação de horários para amamentar), tempo de amamentação e horários (cerca de três horas entre uma mamada e outra), ensinamentos da escola alemã de pediatria, na época altamente difundida pelo mundo. O período para a criança ser amamentada exclusivamente com leite materno era, geralmente, de seis meses, podendo variar, chegando a ser indicado por um médico da época o período máximo de três meses (FREIRE, 2009). Ao lado do discurso científico, que proclamava o leite materno como alimento mais adequado às necessidades da criança, “as justificativas em defesa do aleitamento materno invocavam, de maneira geral, seu caráter ‘natural’” (FREIRE, 2009, p. 213). Aquelas mães que, por algum motivo, deixavam de amamentar seus filhos sofriam o julgamento social, conforme indica um dos textos analisados por Freire (2009):

O seio materno é insubstituível. A mãe que podendo-o não dá o seu leite, isto é, o seu sangue ao seu filho, comete um verdadeiro crime contra a natureza, contra as religiões e contra a sociedade; é uma mulher indigna desse nome, porque é desnaturada. (p. 214)

Da mesma forma que na Europa, o uso de amas de leite foi desaconselhado ao longo dos séculos no Brasil. Porém, aqui, as amas de leite não eram contratadas, mas, em sua maioria, escravas ou negras libertas que serviam aos brancos após a assinatura da Lei Áurea. As condições em que essas mulheres viviam não eram

as melhores, e isso foi um dos argumentos utilizados para a eliminação das amas de leite no país, sendo a falta de higiene associada à grande probabilidade de doenças. A indicação de utilização de amas era feita apenas em caso de as mães estarem impossibilitadas de amamentar, sob prescrição médica e, preferencialmente, com a liberação da ama pelo médico, após avaliação.

Entretanto, Freire (2009) acredita que o discurso tenha ficado mais na teoria do que na prática, seguindo com a colaboração de amas de leite até a década de 1930 pelo menos. Para a autora, as babás das classes mais elevadas, que, ainda hoje, continuam prestando serviços a essas famílias (assim como as amas secas cumpriram seu papel em outra época) podem ser consideradas como um exemplo de que a prática permaneceu acontecendo. As amas secas eram mulheres que derivaram das amas pretas que tinham algum prestígio no meio familiar e que continuavam a frequentar as casas mesmo após o desmame das crianças (FREIRE, 2009).

Tais orientações sobre amamentação não impediam, no entanto, a utilização de leite de outras mulheres, sequer o aleitamento artificial. Venâncio (2008) indica que, a despeito do incentivo e cobrança para que a mulher amamentasse seus descendentes, era possível observar a utilização crescente de substitutos do leite materno, como chás, suco e água. Segundo a autora tipo de prática colabora para explicar o declínio da amamentação ocorrida na segunda metade do século XX.

### **3.1.2 As dificuldades de exercer a maternidade**

Os registros analisados por Freire (2009) demonstram que ser mãe na época implicava uma série de questões. Enquanto as revistas pediam da mulher um senso estético, estando sempre bem vestida, penteada e apresentável à sociedade, era necessário ser uma boa mãe segundo uma série de exigências, o que era difícil para as mulheres de classe média e alta e praticamente impossível para as da classe baixa, que precisavam trabalhar e contribuir com a renda doméstica.

Ao mesmo tempo que encontravam algumas dificuldades na efetivação da maternidade científica, as mulheres eram compelidas a dar o seu melhor para garantir a harmonia e felicidade do lar, como mostra Freire (2009), que indica que,



mesmo em nas publicidades contidas nas revistas femininas, “figurava sempre a apologia da maternidade, como se o seu exercício fosse sempre prazeroso e suficiente para a realização plena das mulheres” (p. 106).

Kalil (2016) acredita que esse discurso higienista continua vivo, não apenas no imaginário social, mas também em materiais educativos oficiais voltados para as mães. Em sua tese, na qual analisou as campanhas de amamentação promovidas pelo Ministério da Saúde do Brasil entre 2008 e 2014, ela mostra a existência desse discurso “que fica evidente no formato dos slogans das campanhas da Semana Mundial da Amamentação (SMAM), em geral, escritos com o verbo no imperativo: dê, faça, apoie, amamente” (p. 257). A autora afirma que é possível encontrar similaridade nas orientações atuais e naquelas do início do século XX, apontando na sua análise alguns discursos comumente acionados nos materiais oficiais, como o da religião ou do sagrado, o da natureza ou do biológico, o da saúde, também compreendido como da ciência e do risco, o do compromisso moral, atrelado à divisão sexual do trabalho, e o do dever cívico, que traz em seu bojo a questão da eugenia.

Destacam-se outros que também estão presentes na polifonia dos discursos atuais sobre o tema: o da beleza (da feminilidade), que relaciona, historicamente, a mulher e, sobretudo, seu corpo, ao belo e sensual, características compreendidas como, eminentemente, femininas; e o da psicologia (do vínculo e da subjetividade), sobretudo, a psicanálise e o ramo da psicologia do desenvolvimento, que aborda a questão do vínculo. (KALIL, 2016, p. 258)

Em outro texto, Kalil e Costa (2013) reafirmam essa visão de naturalização do papel materno no âmbito das políticas públicas. Ela destaca que os discursos oficiais produzidos no país “continuam a atrelar a maternagem ou cuidado com o bebê à amamentação, reforçando, conseqüentemente, a ideia da mãe como responsável insubstituível por essa esfera da vida familiar e social” (p. 11), tomando como base a divisão de funções apenas a partir de características biológicas.

### **3.2 Diferentes olhares**

As noções sobre a maternidade jamais foram únicas. Conforme apresenta Badinter (1985, 2011), houve momentos em que a maternidade era a dedicação

total ao filho, em outras épocas a criança não tinha o destaque familiar e a importância que tem hoje, sequer a figura da mãe era exigida pelo seu papel maternal. Entretanto, no decorrer dos últimos séculos, houve mudanças bastante significativas, como mostrado ao longo desta pesquisa. Entre as contribuições para tais mudanças, estão o reconhecimento e a busca pelos direitos das mulheres por elas próprias. Os movimentos feministas, em suas diferentes perspectivas históricas, são retratados por diversas estudiosas a partir de dois momentos principais, chamados de primeira e segunda onda. A primeira onda refere-se especialmente ao movimento sufragista, que aconteceu no fim do século XIX e início do século XX. A segunda onda tem como marca os anos 60 e 70 do século XX, sendo que, no Brasil, ganhou força com os movimentos de redemocratização que ocorreram no país durante a década de 1980 (MEYER, 2004).

Sobretudo na segunda onda, pesquisadoras feministas passaram a questionar o modo como se distinguia o feminino do masculino somente por aspectos biológicos, sem considerar a história e a cultura. De acordo com Meyer (2004), foi a partir desse momento, mais especificamente na década de 1970, que estudiosas anglo-saxãs passaram a utilizar o termo “gender”, conceito traduzido como gênero, e que buscava:

Colocar em xeque a equação - que resultava em diferenças reconhecidas como sendo inatas e essenciais - na qual se articulava um determinado modo de ser a um sexo anatômico que lhe seria ‘naturalmente’ correspondente, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. (p.14)

O conceito, entretanto, não foi capaz de mobilizar as mulheres em um objetivo único. No período analisado por Freire (2009), por exemplo, a autora afirma que é possível encontrar nas revistas *movimentos feministas*, no plural, por considerar que existiam múltiplos feminismos no caso brasileiro. De um lado, havia um feminismo liberal, professado por mulheres das classes média e alta urbanas, que buscavam maior participação social e direito ao voto. De outro, ela aponta um feminismo gerado a partir do movimento anarquista, que “desqualificava o sufrágio, voltando-se para a problematização de aspectos das relações de gênero, como o amor, a sexualidade e o controle de natalidade” (FREIRE, 2009,

p. 41). Entre as diversas correntes do movimento feminista brasileiro, destaca-se a liderança de Bertha Lutz<sup>7</sup>, que “negava a existência de oposição entre educação, trabalho, emancipação feminina e vida familiar” (FREIRE, 2009, p. 42). A feminista acreditava que o trabalho poderia ser um caminho de aquisição de direitos entre as mulheres, e por isso essa foi uma das suas principais bandeiras enquanto deputada. Ela, por exemplo, associava a enfermagem a uma atividade feminina, comparando a profissão a uma “maternidade espiritual”.

Para Badinter (2011), de maneira silenciosa, a noção de maternidade sofreu uma revolução nas últimas três décadas. Impulsionadas pela segunda onda do movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970, que lutou pela aquisição de direitos essenciais e pelo poder de escolha, as mulheres viram-se diante de um cenário onde podiam escolher ser mães. No entanto, o cenário mundial de crises econômica (o que levou muitas mulheres de volta ao lar), e identitária (com novas visões sobre o papel do homem e da mulher no mundo) estagnou o sonho feminino da igualdade e deu espaço ao desenvolvimento de uma nova visão de maternidade. De acordo com a filósofa, a função materna foi retomada sob uma nova visão, a naturalista, que, além de trazer o aspecto biológico para o centro da cena, passa a olhar a maternidade como um novo tipo de trabalho. A união da ecologia, das ciências do comportamento e do feminismo essencialista (BADINTER, 2011, p. 45) faz surgir essa mãe naturalista (que a autora trata também como ecológica), que tem o instinto materno – algo que Badinter (1985) classifica como uma criação – como base, e o aleitamento é um dos principais exemplos de dominação sob a qual a mãe é colocada.

Segundo Badinter (2011), a amamentação é sugerida como um dos principais meios para sustentar a maternidade ecológica, sendo essa ideia fortalecida a partir da *La Leache League* (LLL), uma associação de mães cristãs de Chicago criada na década de 1950. Baseada em dois princípios – o de que a boa mãe

---

<sup>7</sup> Filha de um cientista e de uma enfermeira inglesa, Bertha Lutz foi influenciada pelo movimento sufragista inglês. Formou-se em Ciências Sociais na Sorbonne, em 1918, e foi importante figura na atuação política pelos direitos das mulheres, assumindo o mandato de deputada em 1936, após a morte do titular. Entre suas propostas estavam a mudança na legislação referente ao trabalho da mulher e do menor, visando a igualdade salarial, licença de três meses para a gestante e a redução da jornada de trabalho, que na época era de 13 horas diárias. Disponível em: <<<http://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/bertha-lutz>>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

coloca “naturalmente” as necessidades do filho acima de tudo, e que as “necessidades do filho são estabelecidas pela ‘natureza’, e que são progressivamente cada vez mais conhecidas” (BADINTER, 2011, p. 88) –, a LLL difundiu suas convicções pelo mundo, segundo a pesquisadora. Ela afirma que as mulheres da LLL apostaram em um “feminismo maternalista” (p. 100), que adota a prática do parto natural e da amamentação, aumentando sua possibilidade de expansão. Para Badinter (2011), tal corrente feminista possibilita o crescimento do sentimento de culpa que persegue as mães.

Nas sociedades em que a mortalidade infantil está em seu menor nível, não se apela mais para a sobrevivência das crianças, mas para sua saúde física e psíquica, determinante para o bem-estar do adulto e da harmonia social. Qual a mãe que não sentirá, no mínimo, uma pitada de culpa se não se conformar às leis da natureza? (p. 79)

De acordo com a autora, esse pensamento adotado pela maternidade natural/ecológica contribui para a continuidade de uma sociedade patriarcal, que não consegue avançar na conquista dos direitos das mulheres.

Meyer (2000), por sua vez, denomina essa filosofia contemporânea que dá ainda mais destaque ao cuidado com o bebê de “nova politização da maternidade e do aleitamento materno” (p. 9). Ao estudar a situação brasileira por meio do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (Pniam), a autora acredita que esse conceito emergiu de uma situação bastante particular para a época, a década de 1980. A política estatal da época era favorável a amamentação e buscava

(...) implantar, aperfeiçoar e/ou multiplicar *estratégias educativas que introjetem o aleitamento como comportamento social universal das mulheres*. Concomitantemente, tal política parece continuar funcionando, como analisa José Aprígio de Almeida, com base no pressuposto de que o aleitamento é “*um ato natural, instintivo, biológico, próprio ao binômio mãe-filho, em que a mãe, mamífera, detém a responsabilidade sobre a saúde de sua cria*” (Almeida, 1999, p. 20). Ela retoma, assim, elementos das representações vigentes desde o século XVIII na Europa, que haviam sido incorporadas e/ou ressignificadas pelo Higienismo, no Brasil do final do século XIX; ao mesmo tempo introduz, ao longo dessa década, uma significativa ruptura nos saberes norteadores das prescrições/recomendações médicas para a amamentação. Tal ruptura implica, a meu ver, *importantes modificações nas formas de governar a vida das mulheres, o exercício da*

*maternidade e da amamentação.* (MEYER, 2000, p. 10, grifo nosso)

Segundo a autora, esse discurso vem acompanhado ainda da abordagem das vantagens de saúde – maiores para o bebê do que para a mãe – e econômico-políticas para a sociedade (Meyer, 2000). Meyer (2000) destaca que, apesar de a prática do aleitamento poder ser saudável, desejável e prazerosa para mães e bebês, não se pode “deixar de visibilizar e problematizar as poderosas redes de disciplinamento e de controle social que, em nome dela, são produzidas e colocadas em circulação nas pedagogias de amamentação” (p. 15).

### **3.2.1 Maternidade transferida: uma questão de classe e cor**

Segundo Freire (2009), “a própria maternidade foi tratada por algumas correntes feministas como profissão feminina” (p. 56). No entanto, o trabalho remunerado se tornou uma necessidade, na época, para as classes médias. Uma das razões foi a crescente demanda de consumo desse público; outra foi o crescente interesse pela mão de obra feminina no setor de serviços; e, por último, a incorporação do valor burguês do trabalho (FREIRE, 2009). Todavia, entre as mais pobres, o trabalho sempre havia sido uma necessidade, e, em alguns casos, a única forma de sobrevivência.

Analisando cenários mais recentes, Costa (2002) adota o termo “maternidade transferida” para abordar a situação de mulheres que necessitam sair de suas casas para trabalhar e delegam esse cuidado a outras. A indicação da autora é que, entre o século XIX até os anos 60 do século XX, as lutas feministas no Brasil “só ganham sustentação porque suas bandeiras garantiram continuidades de um dado padrão de maternidade, padrão este que promove direitos apenas para algumas mulheres” (p. 308). Ela afirma que,

Embora os movimentos feministas nunca deixassem de lado sua irrestrita defesa do igualitarismo entre homens e mulheres, seus marcos teóricos mantiveram fundas imprecisões quanto às desigualdades em geral. No que concerne às desigualdades entre as mulheres, isso é patente. (COSTA, 2002, p. 303)

As mulheres pobres que trabalhavam fora de casa não tinham, necessariamente, equipamentos sociais (como creches, por exemplo) em seu favor, e contavam apenas com a colaboração de outras mulheres pobres para cumprir suas funções

dentro do espaço doméstico, o que levou a perdas de direitos sociais para muitas delas. Segundo Costa (2002), essas redes são pouco estudadas, ainda que sejam impactantes e demonstrem “o nexos entre a história de cuidados domésticos e os serviços sociais” (p. 312).

Isso mostra que, se o trabalho fora de casa era a tônica de algumas das correntes feministas da época, as mulheres das classes mais baixas, muitas vezes foram esquecidas dessas lutas. As mulheres negras que serviram como amas de leite, e posteriormente como amas secas, por exemplo, em geral tinham de preterir seus filhos para cuidar dos filhos das mulheres das classes mais abastadas. Entre as feministas daquele início de século, pouco se falou delas, ou da busca por seus direitos, que tem particularidades que vão além do fato de serem mulheres. Ribeiro (2016) retrata como esse pensamento escravocrata permaneceu vivo no Brasil nos anos posteriores à abolição:

Manter escravas que se ocupassem das atividades domésticas era comum, mas não apenas para ter o conforto assegurado; mesmo após a abolição, possuir escravas dentro do lar era sinônimo de status para as famílias e ajudava a manter aqueles cidadãos de segunda classe em local determinado na sociedade. (p. 39)

Tipos de ações que geram reflexos ainda hoje. Os números das desigualdades sociais no Brasil mostram essa relação: segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2014), de todas as trabalhadoras do país, 17% são domésticas negras, as brancas são 10%. Meninas negras começam a trabalhar mais cedo, acabam estudando menos, são mães mais jovens que outras mulheres e têm menos chance de ter a carteira de trabalho assinada ao longo de sua vida: destas, 33,5% são mulheres brancas e 28,6% são negras. Isso reflete diretamente no valor salarial, que é menor para as mulheres negras, gerando um ciclo de precarização que vem se perpetuando ao longo dos séculos. Se no início do século XX a busca pelo trabalho entre as mulheres tinha, na maioria das vezes, um viés de realização pessoal entre as mães de família das classes mais abastadas, entre as mais pobres – que eram, em sua maioria, negras – ele era uma necessidade. Freire (2009) lembra que, para o primeiro grupo, o trabalho significava uma extensão da maternidade para além do lar, ou, como acreditava Lutz, uma “maternidade espiritual”. Lima et. al (2013), no “Dossiê Mulheres

Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil”, indicam que, apesar de tanto tempo, o cenário pouco se alterou:

As mulheres provenientes das classes mais pobres (majoritariamente negras) dirigem-se para os empregos domésticos, de prestação de serviços e também para os ligados à produção na indústria; enquanto as mulheres de classe média, devido às maiores oportunidades educacionais, dirigem-se para prestação de serviços, para áreas administrativas ou de educação e saúde. (p. 56)

Apesar da assistência social prestada pelo Estado no início do século, ou mesmo através dos programas promovidos pelos governos seguintes, as desvantagens sociais enfrentadas por mulheres negras ainda são grandes. Como afirma Tatiana Dias Silva (2013) na mesma publicação, há pesquisadores que indicam que algumas políticas de combate à pobreza acabam reforçando esse cenário:

Convém destacar críticas dirigidas aos programas de geração e transferência de renda, que, em que pese direcionarem-se para a redução da pobreza, reforçam papéis de gênero e de subordinação. Um exemplo seriam cursos destinados a mulheres pobres, voltados para qualificação e formação de empreendimentos do campo do cuidado e dos trabalhos manuais, com pouca perspectiva de superação da pobreza. (p. 128)

Um direito social que pode ser exemplificado como impacto para as mulheres negras e pobres é a licença-maternidade. Atualmente, toda empresa brasileira deve conceder às suas trabalhadoras um período de 120 dias de licença-remunerada, sem prejuízo de salário ou ocupação, para a mulher cuidar de seu filho recém-nascido. Esse período pode ser ampliado para 180 dias se for de interesse da empresa fazer parte do Programa Empresa Cidadã, a partir do qual ela tem direito a concessão de incentivo fiscal. No entanto, o benefício da licença-maternidade gera várias discussões: além de ser tomado como a reafirmação da maternidade como função social, para as trabalhadoras não-formais, por exemplo, ele não é efetivo. Isso porque elas precisam voltar antes ao trabalho – para garantir a contribuição ou mesmo o sustento doméstico – e acabam deixando seus filhos aos cuidados de outras pessoas. Outro debate sobre este benefício é em relação ao tempo de amamentação exclusiva – seis meses – indicado por entidades nacionais e internacionais. No caso de mulheres que só têm direito aos quatro meses de licença-maternidade, com seu retorno às funções profissionais, a possibilidade de a criança ingerir outros alimentos que não o leite materno

aumenta consideravelmente. Levando em consideração que as mães sem carteira assinada tendem a voltar ao trabalho antes dos quatro meses de vida do bebê, entre essas crianças o impacto negativo da interrupção precoce da amamentação seria ainda maior.

Conforme será visto posteriormente, as mães participantes dos mamaços não são, em sua maioria, mulheres negras. Sua participação ganha mais espaço a partir do momento que essas ações passam a integrar as atividades da SMAM promovidas, por exemplo, em unidades da rede pública de saúde. Ainda assim, as imagens analisadas demonstram que elas estão em menor número, ou seja, sua maternidade ainda é pouco vista – ou retratada – pela imprensa.

### **3.3 O espaço da mãe na sociedade**

Entre os ensinamentos da chamada maternidade científica, além da puericultura, existiam outras preocupações, como ensinar às mulheres o seu lugar na sociedade. Kalil e Costa (2013) lembram que, ao colocar a mulher em um papel vocacional aos filhos, uma das intenções seria limitar a atuação feminina ao espaço do lar e da família.

Desde o século XVIII, na Europa, e da virada do século XIX para o século XX, no Brasil, que o controle social sobre o corpo feminino tinha, entre seus objetivos, destinar à mulher a responsabilidade pelo espaço privado, enquanto cabiam ao homem as relações no espaço público. Para as mulheres das classes médias abastadas e da elite, portanto, o aleitamento materno como dever biológico e social impunha dificuldades a sua autonomia e ao possível ingresso no mercado de trabalho, evitando sua concorrência com profissionais do sexo masculino. (p. 20)

O papel de mãe de família coloca a mulher em um lugar bastante específico: o lar. Era lá que ela poderia ser a melhor mãe e esposa, e era cuidando do lar que ela poderia cumprir melhor o seu papel. Além disso, com a valorização como mãe e esposa, acontece uma relativização do poder do marido no núcleo familiar, conforme lembra Vieira (2002). O discurso médico, com sua racionalidade, trazia argumentos que buscavam provar que a mãe era a pessoa mais adequada para cuidar das crianças, “nascida para o casamento e para a vida doméstica, o valor da mulher está na sua condição maternal” (VIEIRA, 2002, p. 29). Com a mulher confinada a atuar no espaço doméstico, a maternidade se fazia também neste



local. A saída do lar para o mercado de trabalho ou mesmo para a “vida social”, como destaca Freire (2009) era permitida desde que não atrapalhasse sua função doméstica.

A esfera pública, local de debates, era reservada aos homens. A mulher, por suas características biológicas, deveria ser privada dos perigos existentes nos espaços públicos. Matos (2003), ao falar sobre a representação da mulher na São Paulo do início do século XX, relata que o espaço doméstico era naturalmente entendido como o oposto da esfera pública, e afirma que

Essa separação entre público e privado não pode ser identificada como algo inevitável ou natural, tendo sido construída conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos. Sabendo-se que esses elementos são social, cultural e historicamente construídos, pode-se perceber um movimento progressivo de privatização do espaço, que estaria ocorrendo concomitantemente com o fortalecimento do Estado e o processo de urbanização. Dessa forma, pensar a mulher como uma esfera separada do mundo do público é ocultar a existência de toda uma dinâmica de poder que age entre o público e o privado. (p. 122)

Historicamente, o corpo da mulher ficou reservado ao espaço doméstico. Sua presença em outros espaços, durante muito tempo não foi bem visto ou aceito por aqueles que o ocupavam. Se apenas a presença feminina por vezes causava incômodo, a exposição do corpo feminino despontava outros sentimentos. Badinter (1985) afirma que, já no século XVII, o ato de uma mulher amamentando poderia gerar incômodo a quem visse tal cena:

Não ficava bem tirar o seio a cada instante para alimentar o bebê. Além de dar uma imagem animalizada da mulher “vaca leiteira”, é um gesto despidorado. Essa razão não é destituída de peso no século XVIII. O pudor é um sentimento real que não podemos deixar de lado nessa recusa de amamentar. Se a mãe amamentasse, devia esconder-se para isso, o que interrompia por um longo período a sua vida social e a de seu marido. (p. 96)

A maternidade é bem aceita, desde que ela aconteça dentro do espaço do lar, onde apenas a família participe<sup>8</sup>. O que sai desse perfil, por vezes é considerado irregular ou mesmo imoral. Isso porque o papel do corpo da mulher, antes de ser

---

<sup>8</sup> Tal situação não é muito diferente das citadas pelas mães participantes dos mameços no Brasil. Segundo relato das mães nas matérias, o incômodo das pessoas ao vê-las amamentando em espaço público gera reclamações à direção de tais espaços, abordagens diretas às mães e olhares de reprovação.

materno, é objeto de desejo. O seio materno não é apenas isso, ele também é erótico.

### **3.3.1 Seio feminino *versus* seio materno**

O olhar erótico sobre o corpo da mulher na cultura ocidental acontece a partir do século XVIII, com o surgimento do amor romântico, conforme indica Sandre-Pereira (2003) ao abordar a relação entre a amamentação e sexualidade. Como retrata a autora, “o erotismo atribuído aos seios e uma certa percepção do corpo como instrumento para o prazer tendem a ser cada vez mais valorizados nas sociedades ocidentais” (SANDRE-PEREIRA, 2003, p. 488). Na sociedade moderna, a estética criou um grande apelo erótico sobre o corpo feminino, em especial quando falamos do seio: ele deve ter um formato, um tamanho e consistência específica. Nesse contexto, o seio é visto com grande apelo erótico, e antes de tudo, como um órgão sexual. Com isso, a cultura ocidental objetifica o corpo da mulher, que ora é o corpo santo, de mãe; ora torna-se o corpo pecaminoso, e sequer as revoluções de costumes alteradas pelo feminismo consegue alterar isso.

Essa perspectiva ganha força quando compreendemos a relação do olhar social de dominação que vem sendo construído sobre este corpo. A insistente exibição do corpo da mulher na mídia colabora para que essa visão seja permanentemente reafirmada, apesar da ampliação das discussões sobre a erotização do corpo feminino nos meios de comunicação. Entretanto, a crescente interpelação de mulheres amamentando deixa mais visível a tensão social que ainda existe entre a construção do corpo feminino *versus* corpo materno.

Segundo pesquisa<sup>9</sup> sobre aleitamento realizada pela Lansinoh Laboratórios em 10 países, entre os meses de abril e maio de 2015, amamentar em público é normal para 64,4% das entrevistadas brasileiras, enquanto 16,2% consideram o ato

---

<sup>9</sup> Segundo o site da empresa, a “Lansinoh Laboratórios, líder mundial em produtos para amamentação, conduziu uma pesquisa com mais de 13.300 mães em dez países – Brasil, Alemanha, Canadá, China, Colômbia, Estados Unidos, França, México, Reino Unido e Turquia – para criar um cenário global dos hábitos e atitudes de amamentação. Foram entrevistadas mulheres de 18 a 45 anos que estavam grávidas ou tinham pelo menos um filho de até 2 anos de idade”. Disponível em: <<http://www.lansinohbrasil.com.br/noticia/pesquisa-global-lansinoh-sobre-aleitamento-materno-2015>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

constrangedor e 1,7% acham que é algo errado. Apesar do ato de amamentarem público ser 'normal' ou 'corriqueiro' entre as mulheres entrevistadas, o Brasil ficou em primeiro lugar da pesquisa no que diz respeito a censura, pois 47,5% das mães disseram ter sofrido preconceito por amamentar em público, enquanto a média global é de 18,1%.

Conforme apontado anteriormente, a imagem da amamentação tende a ser uma imagem sacralizada na sociedade, remetendo, conforme apontado por Badinter (1985), a Maria, mãe de Jesus. Olhando a partir dessa perspectiva, é possível compreender a dificuldade de enxergar a mãe como uma mulher com desejos e quereres próprios. Ao observar o seio materno a partir de um viés idealizado, cria-se um apagamento da mulher, como por exemplo, da sua sexualidade. Sandre-Pereira (2003) relata as dificuldades de muitos pais e mães em relação à volta da sexualidade do casal após o parto, sendo o seio materno um importante elemento limitador. Por outro lado, a sociedade consegue objetificar de tal modo o corpo feminino que o enxerga como um corpo erótico em qualquer momento, mesmo quando está em jogo a maternidade e toda a simbologia que ela carrega.

Outra pesquisa, denominada “Levantamento Nacional sobre o Constrangimento de Mães pelo Ato de Amamentar em público”<sup>10</sup> e realizada entre os dias 13 e 19 de outubro de 2015, ouviu 250 mulheres de todo o país. Entre as respostas está a descoberta que a abordagem é realizada em 70% dos casos por mulheres. As justificativas comumente adotadas para a interpelação da amamentação em público foram que:

- a prática “desvia” a atenção dos homens;
- essas mulheres estavam tentando “seduzir seus maridos”;
- o bebê era muito “grande” para mamar no peito;
- o incômodo da falta de “pudor” das mães;

---

<sup>10</sup> A pesquisa foi feita com participantes de uma comunidade de apoio a mães nas redes sociais, chamada Aleitamento Materno Solidário. O grupo foi o responsável pela viralização dos mameços durante a Semana Mundial da Amamentação (SMAM), realizada pelo Ministério da Saúde. Segundo o site, o ano que as abordagens aconteceram foram entre 2012 e 2015. A pesquisa foi divulgada apenas no site Disponível em: <<https://comunidadeams.wordpress.com/2015/10/28/amamentar-em-publico-e-legal/>>. Acesso em: 3 jan.2017.

- era “feio” deixar o seio “à mostra”;
- os familiares do sexo masculino se sentem “constrangidos”;
- era uma “pouca vergonha”;
- o ato de amamentar chama atenção por ter uma “conotação sexual” e que era necessário recolher-se em um local “apropriado”;
- outras crianças sentiram “nojo” por ver um bebê mamando no seio;
- não era “educado” amamentar em público e que se tratava de um “desrespeito” com as pessoas presentes;
- e o bebê deveria ser alimentado com comida “de verdade”.

Os argumentos chamam a atenção, em primeiro lugar, pelo fato de serem mulheres exercitando o papel de interpelar as mães que amamentam. Outro ponto que ganha destaque é o incômodo causado pelo corpo feminino exposto durante o ato de amamentar. Das onze respostas, sete referem-se à mulher, e outras quatro fazem referência ao bebê ou a outras crianças. Foi por conta desses tipos de abordagens que surgiram os primeiros mameços no Brasil, ação que trouxe à tona uma série de discursos sobre os quais esta pesquisa pretende se debruçar.

## 4. ENTRE MÃES, MULHERES E MÍDIA: A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS

Com a chegada do século XXI, a vivência de uma maternidade ecológica (BADINTER, 2011) e da busca por direitos essenciais, conforme visto no capítulo anterior, permitiu às mulheres perceber e questionar algumas de suas vivências. No Brasil, um dos exemplos desse movimento foram os protestos conhecidos como *mamaços*. Refutando a censura da amamentação em público, as mulheres passaram a pautar a mídia nacional sobre a ação, bem como sobre a amamentação. A cobertura dada pela mídia, com destaque para a on-line, e os diferentes discursos adotados, são o objeto da análise feita neste capítulo.

### 4.1 Breve histórico sobre os *mamaços*

Os *mamaços* surgiram na França em 2006. Na ocasião, um grupo de mães teve a ideia de amamentar seus filhos ao mesmo tempo em um grande encontro com a intenção de informar sobre a importância do aleitamento materno e mobilizar a sociedade para a compreensão da amamentação. O evento deu origem à Associação Colegiada “*La Grande Tétée*”<sup>11</sup> e, a partir dele, passou-se a utilizar o termo “*mamaço*” para designar a associação de mães que se reúnem, em forma de protesto, para amamentar coletivamente seus filhos.

No Brasil, a primeira manifestação de mães aconteceu em 2011, quando uma arquiteta amamentava seu filho no Itaú Cultural de São Paulo e foi convidada a se retirar do espaço de exposições com o argumento de aquele não ser um lugar para a lactação. Semanas depois, um grupo de mães, cerca de 50, voltou ao local para realizar o primeiro “*mamaço*” de que se tem notícia no país. Poucos dias depois, a rede social Facebook retirou do ar a foto de uma mãe amamentando seu filho, atitude que gerou revolta da mãe “interditada” e de outras pessoas. A jornalista e ativista pela humanização do parto que teve sua foto denunciada e retirada do ar organizou um novo ato em Belo Horizonte, município onde morava, e reuniu mais de 40 mães e outros 100 apoiadores. Após esses dois episódios,

---

<sup>11</sup>Composta por mães, pais, profissionais da saúde e associações, a entidade presta assistência prática, além de fornecer informações e buscar a mudança de imagem sobre o aleitamento materno. Disponível em: <<https://www.facebook.com/La-Grande-T%C3%A9t%C3%A9e-149180428479948/?fref=ts>> Acesso em: 15 ago. 2016.

entre outros acontecimentos, a reunião de mulheres para protestar pelo direito de amamentar no espaço público transformou-se em um evento único, idealizado para acontecer em todo o país. Apoiado por entidades da sociedade civil e organizada através das redes sociais, o “Grande Mameço Nacional” aconteceu em junho de 2011.

No ano seguinte, o grupo Aleitamento Materno Solidário (AMS) sugeriu a realização de mameços, não apenas com participantes dos grupos virtuais, mas abertos às mães. A ação foi pensada para acontecer durante a Semana Mundial da Amamentação (SMAM), e adotada, desde então, em todo o território nacional como parte do calendário de atividades oficial do evento. Mesmo com todas essas ações, outras mães continuaram a ser impedidas de amamentar seus filhos em diversos espaços pelo país. Novamente, nos dias seguintes às abordagens, mameços foram organizados utilizando as redes sociais e tiveram suas atividades registradas pelos meios de comunicação.

As manifestações espontâneas receberam o apoio de organizações e entidades e chamaram a atenção do poder legislativo em todo país. Essa mobilização ganhou força para garantir, por meio de legislação específica, a amamentação em espaços públicos e privados. Desde 2014, diversos estados passaram a adotar leis que garantem às mães o livre amamentar. Santa Catarina foi o primeiro. Em 2015, foi a vez de São Paulo e Rio de Janeiro criarem suas leis, e, em 2016, Mato Grosso passou a multar estabelecimentos que proibissem mães de amamentar seus filhos. Além das legislações estaduais, diversos municípios, como São Paulo, Belo Horizonte, Natal, Campinas e Campo Grande, também elaboraram leis específicas. Nas matérias jornalísticas que abordam a criação das leis, os mameços são sempre citados, em texto ou fotos, como um dos instrumentos que possibilitaram a conquista desses direitos.

#### **4.2 Uma pesquisa à luz da Semiologia dos Discursos Sociais**

Para compreender os sentidos sobre a maternidade, amamentação e direitos das mulheres nas matérias que falam sobre os mameços, foram utilizados alguns conceitos da metodologia conhecida como Análise do Discurso (AD). Nossa proposta parte das ideias de Eni Orlandi (1999) e Milton José Pinto (2002), que

tratam o elemento simbólico como essencial para compreender o discurso em questão. Ambos têm como principal referência a escola francesa da AD – cujos nomes mais importantes são Michel Foucault e Michel Pêcheux –, que define os discursos “como prática sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também são parte constitutiva daquele contexto” (PINTO, 2002, p. 21). Pinto (2002), no entanto, utiliza ainda a abordagem de textos anglo-americanos para construir uma perspectiva teórica nomeada por ele de Semiologia dos Discursos Sociais. Para o autor, a escola americana contribui para a reflexão porque adota a percepção do discurso como prática social, definição que considera importante já que:

(...) implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Têm assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem a sociedade. (PINTO, 2002, p. 28)

Segundo ele, a análise do discurso é um recurso que procura “descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos da sociedade” (PINTO, 2002, p. 11), sendo que o papel da mesma não é esgotar os sentidos imanentes no texto, mas procurar considerar a contextualização existente em cada objeto para compreender o processo de produção de sentidos ali presentes (PINTO, 2002). Dessa forma, o analista de discursos seria uma espécie de detetive sociocultural que busca, na superfície dos textos, pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos para serem interpretadas. Para o autor, todo texto é um “tecido de vozes”, que podem ser indicadas ou não, mas que marcam a presença de outros textos preexistentes. De maneira geral, o que ele propõe é demonstrar a importância do contexto na metodologia de análise discursiva, especialmente quando falamos sobre mídia.

Orlandi (1999), por sua vez, afirma que a AD é herdeira de três campos do conhecimento: Psicanálise, Linguística e Marxismo, e se constitui na interação da Linguística, da Filosofia e das Ciências Sociais. Ela procura entender a língua não apenas como uma estrutura fechada, mas como uma forma de acontecimento.

“As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 1999, p. 20). A pesquisadora explica que a AD é um discurso de interpretação no qual a ideologia tem papel fundamental, já que ela é a relação entre linguagem e mundo que constitui o sujeito. E é pela relação sujeito e história que são construídos os sentidos.

Orlandi (1999) afirma que o discurso é um processo em curso, uma prática do qual o texto faz parte, fazendo com que este último permita ter acesso ao discurso. Para a autora,

O texto, como dissemos, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. Mas é também, e sobretudo, espaço signifiante: lugar de jogos de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação. O analista tem que compreender como ele produz sentidos, o que implica em saber tanto como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão nele. Na análise de discurso, não se toma o texto como ponto de partida absoluto (dadas as relações de sentidos) nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso. (ORLANDI, 1999, p. 72)

Os dois autores trabalham a AD utilizando as noções de intertextualidade e interdiscurso, derivadas do conceito de polifonia trazido por Mikhail Bakhtin (PINTO, 2002). Ambas correspondem à questão referencial do texto: a intertextualidade, ou heterogeneidade mostrada, reporta à manifestação presente e múltipla no texto analisado de outros textos; e o interdiscurso, ou heterogeneidade constitutiva, remonta a outros textos preexistentes sobre os quais o autor empírico não tem controle (PINTO, 2002, 31). Orlandi (2002) chama o interdiscurso de memória discursiva, já que, para ela, a memória também faz parte do discurso, e ela se apresenta causando efeito sobre aquilo que está sendo dito ou não-dito.

### **4.3 A cobertura midiática e a construção de sentidos**

O aleitamento materno é a orientação de entidades internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), e nacionais, como o Ministério da Saúde



(MS) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Todos enfatizam que o bebê deve ser amamentado exclusivamente até os seis meses (alimentado com leite materno), salvo exceções, e, após esse período, o aleitamento deve continuar acontecendo como alimentação complementar até os dois anos de idade. O MS trata da questão do aleitamento materno por meio da Coordenação Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno (CGSCAM), que tem como objetivo “promover a atenção integral à saúde da criança e apoiar a implementação das redes de atenção à saúde em seu componente específico, com especial atenção as áreas e populações de maior vulnerabilidade” e como visão “Ser promotora e protetora dos direitos da criança à vida, à saúde e à felicidade”<sup>12</sup>. Como pode ser observado, em nenhum momento o aspecto da mulher é considerado. A visão da maternidade abnegada e da amamentação como sendo um momento único de amor entre mãe e filho é altamente difundida, e pouco se fala das dificuldades que as mulheres podem enfrentar durante a prática, entre elas a hostilidade social por amamentar em público.

Os mamaços surgiram cumprindo, em parte, o papel de levar à sociedade uma discussão que estava fechada nos grupos on-line e presenciais de conversa sobre maternidade. Por meio da análise das matérias sobre a cobertura desses eventos, é possível perceber, nas falas de algumas das mulheres entrevistadas, discursos sobre as motivações que levaram essas mães a promover e participar dos protestos. Muitos referem-se ao direito de as mulheres amamentarem seus filhos sem passar por constrangimentos, como uma mãe que questiona: *“No carnaval a mulher pode mostrar o seio, mas para dar leite ao seu filho não.”* (MENDES, 2014). Também as fotografias que ilustram as reportagens mostram mulheres segurando cartazes com dizeres como “Amamentar é meu direito. Tira o olho do meu peito” e “Meu peito. Meu corpo. Minhas regras”. Entretanto, esse discurso não é único. Em muitos momentos vemos que são os direitos das crianças que novamente são retomados como discurso principal das ações. E a mídia é participante ativa nesse processo.

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/513-sas-raiz/dapes/saude-da-crianca-e-aleitamento-materno/l1-saude-da-crianca-e-aleitamento-materno/12864-conheca-a-cgscam>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

De cunho bibliográfico-documental e tomando como base alguns conceitos da Semiologia dos Discursos Sociais (ORLANDI, 1999; PINTO, 2002), a presente pesquisa buscou examinar que vozes estão presentes e quais os sentidos são produzidos sobre maternidade, amamentação e direitos das mulheres por meio da análise de parte da cobertura midiática on-line sobre os mameços. Para uma seleção inicial das matérias a serem analisadas, foi realizada uma pesquisa prévia a partir do buscador Google Notícias. Como descritor foi utilizada somente a palavra ‘mameço’. Foram consideradas todas as notícias que o buscador indicou e que mostravam a palavra citada em um dos dois textos (título + breve descrição) do resultado. Foram eliminadas da soma as páginas que apareciam nos resultados, mas traziam notícias que nada tinham a ver com o tema, porém entre as indicações de notícias aparecia a palavra.

A pesquisa centrou seu foco nas notícias com data entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2011, ano que aconteceu o primeiro mameço noticiado no Brasil. O ano de 2012 também foi pesquisado, já que nesse período a ação foi incorporada ao calendário da SMAM, promovida pela *World Alliance for Breastfeeding Action* (WABA), e que, no Brasil, recebe a chancela do Ministério da Saúde (MS) e da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Considerando o tempo limitado para pesquisa e o grande número de matérias até 2016, optou-se por, a partir de 2012, buscar referências no período bienal, ou seja, de dois em dois anos. Sendo assim, os demais períodos pesquisados foram os anos de 2014 e o de 2016 (até o fim do mês de setembro).

O resultado da busca mostrou que, no primeiro ano de notícias selecionadas (2011), 12 matérias foram publicadas. No ano seguinte, quando foi lançada a “Hora do Mameço”, promovida pelo grupo Aleitamento Materno Solidário (AMS) e adotada pela SMAM, 4 matérias abordam a temática. Em 2014, 23 matérias fazem referências aos mameços. Em 2016, de janeiro a setembro, 63 matérias foram referenciadas no buscador. Das 102 matérias encontradas, 61 (mais da metade) eram oriundas de um mesmo portal de comunicação, o G1, canal de notícias pertencente ao Grupo Globo e que reúne as produções televisivas e virtuais do grupo. Possivelmente, a abrangência de atuação do conglomerado tenha influenciado neste número, já que pelo menos 19 estados foram

contemplados no material, sendo São Paulo o principal, com 16 matérias, seguido por Santa Catarina, com 15, e Minas Gerais, com 9 conteúdos.

Após a seleção, cada matéria passou por um processo de descrição a partir do qual foi possível obter informações prévias sobre cada uma delas para posterior análise. Por se tratar de um material bastante extenso e considerando o tempo para desenvolvimento da pesquisa, a opção foi concentrar a análise em um número menor de matérias. Isso não impediu, no entanto, a utilização de outras matérias para exemplificar ou complementar as informações citadas ao longo do estudo.

A partir da seleção inicial, foram escolhidos quatro textos para a análise da produção de sentidos de seus discursos respeitando os seguintes parâmetros:

- um texto por ano pesquisado;
- produção própria, não podendo ser reprodução;
- mais de uma fonte entrevistada;
- preferencialmente, de diferentes sites.

Das quatro matérias selecionadas para a análise, duas abordam situações vivenciadas no Estado de São Paulo (2011 e 2012), uma em Santa Catarina (2014) e uma em Minas Gerais (2016). Todas elas trazem a palavra *mamaço* já no título e contam com imagens (foto ou vídeo) que ilustram os textos. Entendemos, tomando como base Pinto (2002), que “os textos não surgem isoladamente num universo discursivo dado. Elas pertencem a séries ou redes organizadas por oposição ou sequencialidade” (p. 56). Isso significa que a análise sobre as marcas ou pistas deverá sempre levar em consideração a intertextualidade, a interdiscursividade e os diferentes contextos com o qual determinado texto se relaciona. Por isso mesmo, buscamos observar os textos selecionados na relação entre seus elementos – textos escritos, imagens, vídeos – e também na sua relação uns com os outros, considerando que “todo o processo de textos nada mais é do que um processo de recepção de outros textos já dados na cultura” (PINTO, 2002, p. 59).

### 4.3.1 O que falam as matérias

#### 2011

Nesse ano, houve pelo menos três mamaços pelo país: um em São Paulo, outro no Rio de Janeiro e o terceiro em Belo Horizonte. A matéria selecionada para o ano de 2011 (ANEXO 1) foi retirada do Portal G1, e está categorizada na editoria Brasil. Data do dia 12 de maio de 2011 e traz como título “Mulheres fazem 'mamaço' pelo direito de alimentar os filhos em SP”(ARAÚJO, 2011), e subtítulo “Antropóloga foi impedida de amamentar em espaço de exposição em março. Mães debateram o caso na internet e organizaram o encontro nesta quinta” (ARAÚJO, 2011). Onze fotografias ilustram o material; a grande maioria traz crianças sendo amamentadas no espaço onde uma mãe havia sido convidada a se retirar por estar amamentando seu filho. A foto dela com o bebê é a primeira a ilustrar o texto, seguida por uma foto menor do diretor do espaço onde acontecia a manifestação com a legenda “Eduardo Saron, diretor do Itaú Cultural, disse que quase apanhou da mulher em casa”.

No total, sete entrevistados dão suas opiniões sobre o fato: o diretor do espaço, a mãe que foi impedida de amamentar, outras três mães que participaram do ato, uma representante de um grupo de apoio à amamentação e uma última mulher descrita como apoiadora do grupo. Em todas as falas, o repórter indica a formação das mães participantes (antropóloga, estilista, empresária e artista plástica), que têm idades entre 26 e 33 anos, sendo a maioria delas brancas. Nas imagens, é possível ver que muitas das participantes do ato utilizam o *sling*, uma espécie de tecido amarrado ao corpo da mãe, onde o bebê é colocado e que promete uma maior interação entre o bebê e a mãe devido à proximidade dos corpos de ambos, reforçando o vínculo entre eles<sup>13</sup>.

A matéria retrata o primeiro mamaço noticiado no Brasil. Ele aconteceu após uma mãe ser convidada por uma funcionária do Itaú Cultural, a se retirar de uma exposição por estar amamentando. O caso ganhou repercussão nas redes sociais

---

<sup>13</sup> O *sling* é muito utilizado na cultura africana e indígena e ganhou popularidade nos Estados Unidos e Europa durante a década de 1970. O antropólogo Ashley Montagu, que aborda o conceito de gestação extrauterina, é citado como um adepto da utilização do produto, pois, na opinião dele, a gestação continua fora do útero por mais um trimestre, e neste período, esse vínculo propicia um desenvolvimento mais adequado do bebê. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/05/sling-o-pedaco-de-pano-que-traz-aconchego-para-maes-e-filhos.html>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

e um grupo de mães resolveu amamentar seus filhos de forma coletiva no espaço algumas semanas depois. Segundo a notícia, a “funcionária disse que era norma da instituição não permitir que pessoas se alimentassem no espaço” (ARAÚJO, 2011), afirmação confirmada parágrafos depois pelo diretor, que assumiu a culpa e prometeu capacitar novamente os funcionários para que eles soubessem lidar com essa situação, além de abrir o espaço para o debate. O texto aborda também a reação na casa do diretor, que, na época, tinha um filho de 8 meses: "Cheguei a minha casa e quase apanhei da minha mulher quando soube do ocorrido. Isso abriu um debate em minha casa e serviu de aprendizado para o espaço cultural também. Mudamos nossa política de atendimento ao público e abriremos espaços destinados para as mães" (ARAÚJO, 2011). O fato de o debate ter sido ampliado para a casa do diretor é retratado em todas as matérias que cobriram o mamão, colocando o homem num papel de espectador em relação à amamentação, que pouco sabe, pensa e se preocupa sobre isso, precisando de uma ação externa para repensar o seu papel não apenas no trabalho, mas também dentro de casa. O interdiscurso remete à ideia de que a amamentação é uma prática pertencente ao universo feminino.

As falas das mães revelam as dificuldades de haver espaços preparados para acolher mulheres que amamentam e a necessidade de a sociedade aprender a lidar com o seio materno quando ele está exposto, evidenciando a tensão entre o seio materno e o seio feminino erotizado, como abordado anteriormente. Uma das entrevistadas afirma que o importante da ação é que “as pessoas aprendam que a amamentação não deve se tornar um tabu e que as crianças não vejam isso como um problema. É uma hipocrisia, um absurdo não poder amamentar seu filho em espaço público” (ARAÚJO, 2011). Outra diz que "A amamentação, antes de ser apenas uma alimentação, é uma forma de aumentar o vínculo entre mãe e filho. Quem se incomodar, o problema não é meu" (ARAÚJO, 2011).

O discurso da maternidade ecológica aparece de forma ainda muito sutil, mas sempre presente nas falas das mães, como é o caso de uma mãe entrevistada ao declarar que "[Amamentar] é natural. Há muita divulgação de alimentação artificial, de leite em pó. A mãe precisa ser preparada para alimentar os filhos e saber que são capazes de fazer isso. *Somos mamíferos e nada mais natural que mamemos*" (ARAÚJO, 2011, grifo nosso). A representante do Grupo de Apoio a Amamentação

Ativa (Gama), que participou da organização do evento, disse que a ação buscou reforçar o papel de mãe que amamenta, da mulher, utilizando as palavras debate, respeito e apoio. O direito das crianças está presente, mas é colocado em segundo plano: a busca parece ser o apoio à mãe que amamenta e encara diferentes dificuldades, respeitando suas vontades. A apoiadora do grupo afirma que “Nosso papel é de *acolhimento a quem quer* amamentar e de auxiliar as mulheres que *querem e podem* amamentar” (ARAÚJO, 2011, grifo nosso).

## 2012

Em 2012, por iniciativa do grupo Aleitamento Materno Solidário (AMS), os mamecos passaram a acontecer durante a Semana Mundial da Amamentação (SMAM). A iniciativa convidava mães do grupo e de fora dele para participar da ação. Das 4 matérias encontradas neste ano, apenas uma não estava no portal G1. Cada uma refere-se a um estado (Amazonas, São Paulo, Pernambuco e Rondônia).

A notícia analisada (ANEXO 2) foi retirada do site Diário do Grande ABC e pertencia à editoria Setecidades, o que equivaleria à editoria “Geral” em outros veículos de comunicação. Publicada em 3 de agosto de 2012, a matéria tem o título: “Grande ABC terá 'mameco' contra tabus”, sem subtítulo, e traz apenas uma imagem: uma mãe amamentando um bebê enquanto olha e sorri para ele. Na imagem, é possível observar ainda que a mulher segura a mão da criança que também a observa enquanto mama. Ao lado dos dois há um carrinho de bebê e, ao fundo, é possível ver uma grama verde e alguns troncos de árvore, permitindo a identificação do local como sendo uma praça ou parque. A foto remete às imagens das campanhas de amamentação promovidas pelo Ministério da Saúde, nas quais é comum observar a mãe amamentando seus filhos em um local bucólico, conforme retrata Kalil (2016). Trata-se do que Orlandi (1999) caracteriza como “memória discursiva”, a partir da qual o indivíduo produz sentidos sobre um determinado texto a partir do reconhecimento de referências anteriores.

O texto divulga a ação que irá acontecer em alguns dias, e é um convite a mães que “*que amamentam e apoiam* a divulgação do aleitamento materno” (SANCHES, 2012, grifo nosso). Segundo a autora do texto, o evento é uma ação

inédita na região do ABC e tem como objetivo enfrentar o preconceito que “muitas mulheres” sofrem ao amamentar em espaços públicos. Uma das organizadoras do evento, que participa de um grupo que discute os desafios da maternidade, afirma que “atualmente temos de lidar com as coisas de *forma moderna, mas sem perder o que é natural. Somos mães*”(SANCHES, 2012, grifo nosso). A afirmação, mais uma vez, remete ao conceito de maternidade ecológica discutida por Badinter (2011), no qual a mãe deve enfrentar qualquer situação para garantir que a natureza cumpra seu papel, o que fica mais claro quando a entrevistada afirma “*somos mães*”, ou ainda, em outro momento, quando ela aborda a maternidade ativa e questões sobre o parto, e afirma: “Precisamos resgatar o poder da mulher enquanto mamífero. O corpo é nosso. Não é decisão do médico” (SANCHES, 2012).

Apesar de abordar o poder de escolha da mulher e afastar que a decisão seja somente médica, é possível perceber como, ao lado desse retorno a uma noção natural de maternidade, a noção científica, assim como início do século XX, continua forte e ambas se associam quando falamos nos discursos atuais. Segundo o texto, as mães “avaliam que o debate deve se basear em estudos e dados científicos, e não no achismo” (SANCHES, 2012, grifo nosso). A entrevistada afirma que os profissionais da saúde devem respeitar a opinião das mulheres. “Não somos hippies. Entendemos os riscos e benefícios de cada tipo de parto. Mas *as mulheres precisam, pelo menos, ter essas informações*” (SANCHES, 2012, grifo nosso). Com a última frase, fica claro um posicionamento de que essas mulheres que estão discutindo a maternidade querem ser ouvidas e também ouvir. O texto traz ainda informações sobre uma Marcha pela Humanização do Parto a acontecer no Rio de Janeiro, e um convite para o grupo que discute quinzenalmente os desafios da maternidade e os tipos de parto<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup>O parto humanizado, quando a mulher tem conhecimento sobre todos os procedimentos que irá passar e tem o poder junto com o profissional de saúde que a atende, tem sido uma das pautas de grupos que discutem a maternidade, bem como de programas, projetos de entidades, e também está previsto na estratégia do governo Federal, a Rede Cegonha. Isso não impede que a grande maioria das brasileiras sofra com a violência obstétrica, conforme demonstrou a pesquisa Nascido no Brasil, desenvolvida pela Fiocruz, em 2014. Mais informações sobre a pesquisa podem ser obtidas em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0102-311X20140013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-311X20140013&lng=pt&nrm=iso)>.

## 2014

A “Hora do Mamaço” chega à terceira edição sendo adotada como atividade oficial dentro da SMAM. As 23 matérias coletadas fazem referência a mamaços, alguns presenciais, outros virtuais, estes últimos relacionados a notícias sobre atrizes, fazendo com que a amamentação ocupe páginas das editorias de celebridades dos veículos de comunicação. Nesse ano, um novo mamaço foi organizado por mães pelas redes sociais após uma delas ser convidada a se retirar do Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo por estar amamentando.

A matéria selecionada em 2014 (ANEXO 3) é do Jornal de Santa Catarina e foi publicada no dia 2 de agosto de 2014 (a primeira semana de agosto é o período que comumente acontece a SMAM), e traz a ação nacional já no título: “Hora do Mamaço em Blumenau reúne mães em luta contra o preconceito pela amamentação em locais públicos”, com o subtítulo “Evento criado pela organização Aleitamento Materno Solidário (AMS) chega à terceira edição” (CAMARGO, 2014). Dois recursos audiovisuais compõem a notícia: o primeiro, uma fotografia que dá um close no bebê que mama enquanto olha para a câmera, e o segundo é um vídeo com o depoimento de várias mães sobre a Hora do Mamaço, os tabus da amamentação e do corpo.

O texto traz informações sobre as ações previstas para a atividade, que acontecerá poucos dias após a divulgação da matéria, e informa que, além da amamentação coletiva, as mães poderão sanar dúvidas “e mostrar que oferecer alimento ao filho *é um gesto saudável e precisa ser resguardado*” (CAMARGO, 2014, grifo nosso). O texto aborda ainda a legislação recente do estado, que multa estabelecimentos que não permitirem que a mãe amamente em local público, e cita o Estatuto da Criança e do Adolescente, que, segundo o texto, “determina que o poder público, as instituições e os empregadores proporcionem condições adequadas ao aleitamento materno” (CAMARGO, 2014). A matéria retrata ainda as represálias que algumas mães (as que depõem no vídeo) sofreram no município de Blumenau por amamentar em público. A resposta sobre o que leva pessoas a um comportamento preconceituoso é dada por um pediatra, que relaciona esse ato à sexualização do seio da mulher:



As pessoas têm dificuldade de aceitar que o seio materno alimenta. É curioso que num shopping, por exemplo, onde tem uma praça de alimentação, criem uma salinha de amamentação. É claro que se ela se sente desconfortável ao dar de mamar em público ela deve ter um lugar reservado, mas a amamentação deve ser encarada como alimentação natural. [...]

Uma coisa curiosa é que expor os seios do ponto de vista do Carnaval, por exemplo, não há nenhum problema, mas se uma mulher expõe o seio para alimentar o próprio filho as pessoas ficam horrorizadas. É incompreensível. (CAMARGO, 2014)

A fala do médico é uma das poucas que traz de maneira explícita a problematização do corpo da mulher de como ele não é bem aceito nos espaços quando se trata do corpo materno exposto. Uma segunda entrevistada, a psicóloga do Banco de Leite Humano de Blumenau, concorda com o médico e destaca o papel da sociedade moderna na priorização da função estética do corpo feminino, compreendendo os mamecos como um caminho possível para mudar as mentalidades:

O seio tem essas duas funções que são nobres, de sexualidade e de alimentação, mas no momento em que a mãe está amamentando ele é da criança, é para isso que serve. Acho que à medida que as pessoas ouvem falar mais nisso, com esses eventos, e isso ganha a força do coletivo, a consciência vai mudando. (CAMARGO, 2014)

A terceira entrevistada, nutricionista da Secretaria de Saúde de Joinville e facilitadora do Ministério da Saúde para a Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil, segue a mesma linha de pensamento. Ela fala sobre a decisão da mulher por amamentar em meio a uma sociedade que a julga, e encerra seu depoimento afirmando o papel da sociedade ao apoiar a amamentação e focando isso nos benefícios para o bebê:

Cada vez mais fica evidente o descompasso entre o avanço científico sobre a amamentação e o ato de amamentar enquanto uma prática socialmente instituída. A amamentação precisa ser encarada como um dos atributos que caracterizam a maternidade como um bem social compartilhado. Necessita, portanto, ser compreendido como um processo político e social, na medida em que é um ato compartilhado e, portanto, regulado pela sociedade que imprime sua ideologia. É uma opção da mulher, determinada por suas condições concretas de vida. Neste sentido, a rede de apoio, que inclui a família, os amigos, os profissionais de saúde e toda a sociedade são fundamentais para encorajar e amparar a mulher que amamenta. Se a construção de um estado mais digno no futuro depende dos investimentos na infância, a amamentação rompe as fronteiras da saúde para ser discutida como uma

questão de cidadania, entendendo que o primeiro direito que toda criança tem neste mundo é o direito ao leite materno como salvaguarda à vida.(CAMARGO, 2014)

É interessante observar que a fala dos primeiros entrevistados aborda uma perspectiva que destaca o direito da mulher de ocupar um espaço sem ser objetificada, enquanto as falas das mães – e que estão presentes apenas no vídeo – têm o apelo sentimental, quando elas falam da importância de ter o direito das crianças serem amamentadas em qualquer espaço, quando quiserem, e dos benefícios da amamentação. A representante da Secretaria de Saúde adota um discurso que passeia por ambos os entendimentos, mas destaca a sua fala sobre a amamentação como um direito da criança ao leite materno e a relação disso com uma ideia de futuro de nação.

## **2016**

Em 2016, os mamaços ganham espaço na mídia, não somente no Brasil, mas também fora do país. Nos nove primeiros meses do ano, 63 matérias abordaram a temática, algumas delas com referência a mamaços na Argentina e Colômbia. Vários municípios e estados ganham legislação específica sobre o ato de amamentar em público, gerando multa para empresas que perturbem a amamentação em espaços públicos. Nesse ano é possível ver que os mamaços não acontecem apenas como forma de protesto de mães ou durante a Semana Mundial de Amamentação, mas também são usados como chamariz de outras atividades, promovidas, por exemplo, por shoppings.

Publicada em 6 de agosto de 2016, a matéria do Portal G1 de Minas Gerais (ANEXO 4), traz uma matéria televisiva que aborda mães e profissionais de saúde como entrevistadas. Duas atividades aconteciam no dia: a primeira, segundo a repórter afirma em *off*, “mães dedicadas foram com seus filhos para a Praça da Liberdade, onde amamentaram em público contra o preconceito de amamentar o bebê em espaços abertos”, o chamado mamaço, e outra ocorreu no Hospital Sofia Feldeman, como ação de encerramento oficial da SMAM em Belo Horizonte.

No ano que a *World Alliance for Breastfeeding Action* (WABA) assume a sustentabilidade como tema principal da SMAM, o discurso dos entrevistados se

apropriada dos mesmos posicionamentos. No vídeo, uma das mães afirma que “sabendo que é o melhor alimento, a gente tem que lutar por essa causa porque as crianças precisam de um mundo melhor” (G1 MG). Por sua vez, a enfermeira entrevistada explica que

A mãe que amamenta no peito não precisa se preocupar com nada. É menos gasto para o planeta, menos lata, menos mamadeira, menos combustível, mais saúde, mais energia e quem ganha é a mãe, a família, o pai e a sociedade. Diminui o risco de mortalidade infantil, diminui o risco de poluição do planeta. (G1 MG)

Essa fala explicita o discurso da maternidade ecológica (BADINTER, 2011) que ultrapassa o olhar biológico, assumindo também uma conotação econômica. Ao amamentar, a mãe não apenas pensa na saúde do seu filho hoje, mas prepara o mundo que ele vai viver no futuro. A amamentação não é apenas natural, ela se mostra aqui como parte de um movimento de desenvolvimento sustentável do planeta. Tais discursos remetem ao imaginário do higienismo, na virada do século XIX para o XX, que reconhecia a mulher como uma das principais responsáveis pelo sucesso da nação (FREIRE, 2009), trazendo à tona, também, a lógica de culpabilização da mulher, que, se não amamenta, não é dedicada o suficiente e expõe seus filhos a riscos.

#### **4.2.1 Os discursos produzidos**

De maneira geral é possível perceber que os mamecos ganharam espaço e destaque na mídia on-line ao longo dos anos. Se em 2011 a novidade dos protestos idealizados por mães foi o chamariz para a imprensa cobrir essas ações, nos anos seguintes, a atuação junto aos órgãos oficiais, como Ministério da Saúde, colocou os mamecos sob uma nova perspectiva, adotando outras funções sociais para além de protestar. Eles foram usados para a promoção de palestras, cursos e até lançamentos de espaços dentro de shoppings (uma matéria relata o lançamento de uma ‘praça de amamentação’, fazendo referência às ‘praças de alimentação’ comuns nestes espaços). Mas, para além dessa primeira impressão, a análise das matérias selecionadas demonstra que conceitos como contexto(s), interdiscurso e intertextualidade nos ajudam a compreender melhor como são construídos os sentidos sobre maternidade e amamentação na cobertura dos mamecos.

Ao analisar as campanhas da Semana Mundial da Amamentação (SMAM), promovidas no Brasil pelo Ministério da Saúde, Kalil (2016) identificou, na construção textual e imagética das peças, alguns 'interdiscursos' ou 'intertextos' (ORLANDI, 1999; PINTO, 2009) importantes. Nas imagens dos cartazes da SMAM, por exemplo, é possível identificar a remissão a "diversas pinturas que representaram, ao longo de séculos, episódios ou cenas bíblicas em que, sozinha ou ao lado de José e de sua mãe, Santa Ana, Nossa Senhora (a Virgem Maria) amamentava o menino Jesus (representando a chamada 'Sagrada Família')" (KALIL, 2016, p. 183, grifo da autora).

As imagens utilizadas nas matérias de cobertura dos eventos, por sua vez, também nos remetem a alguns interdiscursos ou intertextos. Nos mamaços organizados pelas mães através das redes sociais, as fotos mostram os bebês sendo amamentados ao lado de outras crianças, nem sempre com as mães "concentradas" no ato. Por outro lado, quando mostram os mamaços coordenados por entidades, por mais que haja um grande número de mães, parece haver uma certa organização. Sentadas lado a lado e com seus filhos deitados tranquilamente em seus colos, as mães amamentam sorrindo e olhando com serenidade para eles. Em algumas situações, chegam a parecer fotos posadas, lembrando as imagens produzidas para ilustrar as campanhas da SMAM.

Ao analisar essas matérias, é possível identificar o que Pinto (2002) aborda como 'semiose social'. Para o autor, esse conceito possui duas dimensões: a ideológica e o poder. Segundo o autor, "nem sempre o ideológico se liga de imediato ao bom senso interpretativo, já que relações de poder estão sempre em jogo em qualquer processo interacional" (PINTO, 2002, p. 45). A dimensão de poder faz referência ao discurso assumido pelos receptores, tomando "forma de sentidos produzidos, investidos em textos como conversas, gestos, comportamentos, entrevistas de pesquisa, etc., que definem por sua vez determinadas relações e identidades sociais assumidas por esses receptores (agora emissores)" (PINTO, 2002, p. 47). Na dimensão do poder, é possível identificar a semiose social, sobretudo na matéria analisada de 2016, nos discursos das mães entrevistadas no vídeo (tradicionalmente receptoras do discurso oficial), que se apropriam da associação

entre amamentação e sustentabilidade adotada pela campanha da SMAM daquele ano, enquanto apenas a enfermeira (que pode ser compreendida aqui como ‘especialista’) é fonte para a matéria escrita. Como afirma Kalil (2016), “nessa relação discursiva ou de interlocução, a posição dos produtores do discurso institucional é superior à dos usuários dos serviços de saúde, pois eles detêm a fala autorizada sobre o assunto, a fala da medicina, pautada nas verdades e evidências científicas” (p. 242).

As mães entrevistadas também apontam para um padrão, em especial quando os mamecos são organizados por elas mesmas, sem participação de instituições: mulheres entre 20 e 40 anos, com educação superior e participantes de grupos de discussão sobre a maternidade. A matéria de 2011 (ANEXO 1) mostra bem isso. Além de citar as profissões das mães, todas com formação universitária, trata de uma manifestação que se originou da proibição da amamentação em um espaço cultural mantido pela iniciativa privada e que, posteriormente, foi palco do evento em forma de protesto. A pesquisa de Badinter (2011), realizada na Europa, assegura que as mães que adotam a premissa que “boa mãe é a que amamenta” (p. 115) têm o mesmo perfil sociocultural em todos os países desenvolvidos: “mais de 30 anos, pertence a uma categoria socioprofissional elevada, exerce uma profissão, não fuma, segue cursos de preparação para o parto e se beneficia de uma longa licença parental” (DEBONNET-GOBIN, 2005 *apud* BADINTER, p. 115).

Nas matérias analisadas, a classe e a raça das mulheres que integram os mamecos não são objeto das discussões. Entretanto, como foi abordado anteriormente, essas questões devem ser levadas em consideração quando tratamos da maternidade no Brasil. Entre as mais de 100 matérias selecionadas para construir o *corpus* inicial da pesquisa, apenas uma delas trazia uma mulher negra como protagonista do texto. A mulher em questão estava participando de uma palestra sobre higiene bucal do bebê, e, ao contrário das outras fotos que simbolizam os mamecos, ela não está amamentando seu filho, apenas está com ele no colo. Em sua fala, em lugar de defender seu direito de amamentar em local público, ou mesmo do direito de seu bebê de ser amamentado em qualquer espaço, ela afirma que sabia da importância da higiene bucal do bebê, mas que, a

partir das informações recebidas no evento (fornecidas por profissionais de saúde, os ‘especialistas’), ela aprendeu a fazê-la ‘corretamente’ e passará a adotar a prática. A situação se assemelha às registradas por Freire (2009), no início do século XX, baseada no discurso higienista, quando a amamentação e a higiene se tornaram o principal meio de assegurar a saúde da nação. Para as mães das classes mais altas, o ensino da puericultura ganhava espaço, e, no caso das mães pobres, além do saber científico que se sobrepunha, o governo promovia uma estratégia de proteção e assistencialismo (p.207).

Outro discurso que aparece muito forte nas matérias analisadas é o da maternidade ecológica, e que chega ao ápice em 2016, com a adoção da temática da sustentabilidade para a Semana Mundial da Amamentação (SMAM). É possível perceber que, inicialmente, o discurso sobre os direitos da criança estava presente nas falas, mas fica muito mais forte conforme os anos passam e a cobertura midiática cresce, fazendo com que os discursos dos entrevistados, inclusive as próprias mães, fiquem bastante semelhantes aos discursos oficiais, ou, mais especificamente, com os das SMAM. Kalil (2016) observa que, de 2008 a 2014, os materiais das campanhas comumente enfocam, “sobretudo, as necessidades dos bebês e os benefícios da amamentação e do leite materno para a saúde deles” (p. 194), secundarizando as mulheres. A tabela abaixo mostra os slogans analisados pela autora no período, sendo possível verificar como várias dessas frases são – direta ou indiretamente - referidas pelos entrevistados nas matérias analisadas:

ANO	SLOGAN
2008	“NADA MAIS NATURAL QUE AMAMENTAR. NADA MAIS IMPORTANTE QUE APOIAR”.
2009	“Amamentação em todos os momentos. Mais saúde, carinho e proteção.”
2010	“Amamente. Dê ao seu filho o que há de melhor.”
2011	“Amamentar faz bem para o bebê e para você.”
2012	“Amamentar hoje é pensar no futuro.” (destaca a importância da amamentação - e do leite para que ela esteja “melhor preparada para crescer com mais saúde”.)
2013	“Tão importante quanto amamentar seu bebê, é ter alguém que escute você.”

Fonte: Adaptado de KALIL, 2016.

A palavra ‘natural’ é recorrente nos discursos das mães, representantes de organizações e profissionais da saúde entrevistados nas matérias analisadas. Outra palavra que aparece com frequência, na discussão sobre a amamentação em público, é ‘direito’, tanto para referir-se aos da mãe, como ao dos bebês. Apesar de não existirem isoladamente, o “direito de mamar” do bebê se sobrepõe ao “direito de amamentar” da mulher na maioria das falas. Novamente, essa característica se aproxima muito ao encontrado por Kalil (2016) nos materiais oficiais:

“Um aspecto relevante em relação ao aleitamento materno é o fato de ele ter se tornado, em nosso país, objeto de uma política pública de responsabilidade da Coordenação-Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno (CGSCAM), responsável por elaborar diretrizes políticas e técnicas voltadas à atenção integral à saúde da criança do nascimento até os 9 anos de idade. Trata-se, portanto, de uma ação predominantemente setorial, que se dirige, prioritariamente, à saúde da criança, tendo como foco central a redução da morbimortalidade infantil. (p. 223)

A discussão sobre o porquê de haver um incômodo social pelo fato de mães amamentarem em público seus bebês tem pouco espaço nas matérias analisadas - sendo a de 2014 a que dá um destaque maior a essa pauta -, e, geralmente, o foco do debate é o direito da criança de ser amamentada em prol da sua saúde/desenvolvimento saudável. Talvez por dar notoriedade a esse ponto, o papel da mulher na amamentação não seja devidamente abordado. Apesar de elas serem a força motriz dos mameiros, e ser por conta da exposição de seus corpos que surgem as reclamações (conforme mostrou o “Levantamento Nacional sobre o Constrangimento de Mães pelo Ato de Amamentar em público”), pouco se fala sobre as dificuldades, vontades e receios que a mulher pode ter em relação à amamentação. O papel de “mãe dedicada”, como fala a repórter ao referir-se às mães que amamentam (Anexo 4), ganha ainda mais notoriedade. A responsabilização da mulher para com a prole dá o tom da discussão, e quaisquer comportamentos destoantes dos atribuídos à ‘boa mãe’ passam a gerar culpa e uma imagem de má mãe (BADINTER, 1985; 2011).

## 5. CONCLUSÃO

*"A cerimônia é um pouco longa, alguém pode chorar porque está com fome. Se é assim, vocês, mães, devem dar o peito, sem medo, em toda simplicidade. Como a Madona amamentava Jesus."*

A fala acima aconteceu no início de janeiro, durante uma celebração de batismo na Capela Sistina, no Vaticano. O autor foi o Papa Francisco. A iniciativa do pontífice de estimular as mães a amamentarem seus filhos dentro do espaço foi notícia em diversos jornais ao redor do mundo. Contudo, não foi a primeira vez que o Papa incentivou o aleitamento materno. Pelo menos em outras três ocasiões o líder da Igreja Católica se posicionou a favor da amamentação em espaços públicos; em uma delas, ele alterou o texto previsto da homilia que falava em "dar leite a elas" e substituiu pelo termo italiano *"allattateli"*, que significa "amamentar". O parecer de Francisco sobre a amamentação dentro de um espaço como a Capela Sistina explicita como o tema, de aparente normalidade, ainda é tratado como tabu. Se por um lado, amamentar resgata o exemplo maternal de Maria, a exposição do seio causa receio para as mães. Ao mesmo tempo é muito clara a postura do pontífice em naturalizar o ato e responder às necessidades da criança.

A questão é que a amamentação, assim como a maternidade, é um ato que envolve dois seres: a mulher e o filho. Mas, na maioria das vezes, um ganha destaque em detrimento do outro. A mãe que não coloca seu filho em primeiro plano corre o risco de ser julgada pela sociedade como uma mãe ruim. Essa posição ganha um status oficial quando o Estado, ao promover a saúde materno-infantil por meio de seus programas e políticas, reduz a mulher ao papel de mãe e confunde os direitos das mulheres com os direitos das crianças. Conforme dito anteriormente, a Coordenação Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno (CGSCAM) é a responsável pelas questões relacionadas à política pública dedicada ao aleitamento materno no país. O objetivo do órgão é promover a atenção integral à saúde da criança. Isso mostra que a atenção voltada a questões relativas à amamentação é visualizada sob a ótica dos desafios da criança, e não da mãe. A mulher é colocada em segundo plano, e pouco se fala



dos empecilhos que ela possa enfrentar durante a prática da amamentação ou escolhas que possa fazer nesse processo. A construção desse cenário não é recente. Ela é histórica e perpassa várias questões que buscamos resgatar, mesmo que brevemente, neste trabalho: o corpo da mulher que pertence ao outro e que foi utilizado como instrumento de controle através da medicalização para que finalmente assumisse o papel biológico principal: o de procriar; e a atuação feminina que se quer conservar na esfera privada, pressão social que se deu, inclusive, por meio da construção do 'instinto materno', fundamental para a recolocação da mulher na função de esposa, mãe e responsável pelo futuro da prole e da própria nação.

No Brasil, assim como no mundo, a maternidade permitiu à mulher um novo lugar na sociedade, mas também exigiu dela outras obrigações. A maternidade científica e a crença eugênica ganharam espaço no início do século XX no país. Naquele contexto, as mulheres eram educadas para serem boas mães, e a nutrição infantil constituiu importante ponto de encontro entre mães e médicos, sendo a amamentação vista como uma nova forma de garantir o futuro da nação. O papel definido da maternidade despertou diferentes olhares. Com o movimento feminista, as questões de gênero passaram a ser uma tônica no debate sobre a maternidade e o papel da mulher na sociedade. O trabalho feminino cria um novo contexto e novas situações a serem absorvidas e vividas pela sociedade: a mãe começa a atuar também fora do espaço doméstico, e a maternidade, em consequência, passa a ser vivida de forma pública. Essa situação criou novos cenários, incluindo aquele no qual a sociedade necessita aprender a lidar com a dualidade que o corpo da mulher representa: de um lado, o corpo sexual, erótico; de outro, o corpo da mãe, sacralizado, que gera e amamenta. A exposição da mãe no espaço público, em especial em relação ao seu seio, e o posicionamento dela ao promover protestos a favor da amamentação em espaços públicos, trazem à tona sentimentos e sentidos sobre a maternidade e a mulher que haviam sido pouco explorados em nosso país. Enquanto essa temática se faz presente no debate acadêmico dos Estados Unidos e da Europa há algum tempo (KALIL, 2016), no Brasil, a questão ainda é recente, fazendo-se necessária uma maior e mais ampla abordagem acerca do assunto. A necessidade de um novo olhar sobre a amamentação, como uma experiência na qual a mãe também é

protagonista, implica pensar a prática para além do seu caráter naturalista e/ou biológico e enxergar a mulher em sua pluralidade de identidades e demandas que extrapolam a condição materna.

E a mídia pode ter um importante papel nesse cenário. Ao ouvir e reverberar novas vozes, ela colabora para a construção de novos discursos. A divulgação e a cobertura dos primeiros mamaços trouxe à superfície questões que mobilizaram a sociedade e proporcionaram, inclusive, legislações com o objetivo de proteger a amamentação em espaços públicos. Elas demonstram uma resposta efetiva à ação de mães, organizações e legisladores. Mas, anteriormente a elas, uma série de discursos foi proferida, aceita e debatida até que se chegasse às respostas que, acreditavam os responsáveis pelas leis, seriam as corretas. Discursos de mães, de especialistas, de entidades e também da mídia. Cada um, ao seu modo, foi responsável por criar produções de sentidos sobre a amamentação em público e a maternidade que foram adotados como base para a construção dessas leis, bem como servem para instrumentalizar a sociedade sobre o assunto.

Todavia, a análise das matérias mostrou que o discurso adotado pela mídia ao abordar os mamaços, ao longo dos últimos seis anos, tem assumido “discursos reconhecidos como hegemônicos” (PINTO, 2002, p. 45). No caso da amamentação, esses discursos são proferidos pelas organizações internacionais Organização Mundial de Saúde (OMS), Unicef - bem como por órgãos e entidades nacionais – como Ministério da Saúde e Sociedade Brasileira de Pediatria, atores que, de modo geral, ainda enxergam a amamentação muito mais ligada ao bem-estar do bebê, pouco considerando a dimensão da mulher nesse contexto.

Isso não significa que a situação não esteja mudando. Kalil (2016), por exemplo, afirma que o Ministério da Saúde tem considerado, de maneira ainda tímida, abandonar o discurso tradicional de tom imperativo. Os mamaços, de alguma maneira, também são uma resposta aos discursos tradicionais, indicando que a amamentação é uma prática que envolve sujeitos e suas subjetividades. Mas é preciso ir além. Conforme abordado ao longo do trabalho, as participantes dos mamaços tendem a pertencer a um recorte específico de classe e raça, o que delimita o debate sobre os direitos da mulher a uma elite sociocultural, branca e

substantivamente escolarizada. O oposto disso vai aparecendo de maneira suave quando os mamaços saem dos espaços culturais e passam a acontecer com o aval de entidades públicas, como o Ministério da Saúde, hospitais e postos de saúde. Um exemplo é a matéria sobre a capacitação para mães ocorrida em um posto de saúde para a correta higienização bucal do bebê citada no capítulo 3. É a única matéria coletada que traz uma mãe negra como protagonista do texto. A imagem mostra a mãe e a criança, mas, diferente das demais matérias, ela não está amamentando. E assim como Freire (2009) retrata no início do século, ao ler o texto parece que as mulheres mais pobres precisam ser educadas para garantirem a saúde de seus filhos. As mulheres negras e pobres ainda ficam à margem e tem seus discursos pouco explorados ou ouvidos, apesar de comporem a maior parte das mães do país. Diante das especificidades que a maternidade de mulheres negras e pobres apresenta, entendemos que pesquisas sobre esses aspectos da questão continuam a ser pauta necessária e urgente de futuras incursões acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Glauco. Mulheres fazem 'mamaço' pelo direito de alimentar os filhos em SP. G1. 12 mai. 2011. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/mulheres-fazem-mamaco-pelo-direito-de-alimentar-os-filhos-em-sp.html>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, Susan; JAGGAR, Alisson. Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAMARGO, Aline. Hora do Mamaço em Blumenau reúne mães em luta contra o preconceito pela amamentação em locais públicos. Jornal de Santa Catarina. 2. ago. 2014. Disponível em:

<<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/08/hora-do-mamaco-em-blumenau-reune-maes-em-luta-contra-o-preconceito-pela-amamentacao-em-locais-publicos-4565457.html>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

COSTA, Suely Gomes. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. Revista Estudos Feministas, V. 10, n. 2, p. 301-24, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000200003>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE, Maria Martha de Luna. Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009. 264p.

G1 MG. Grupo de mulheres faz 'mamaço' em atos pelo aleitamento materno em BH. G1 MG. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/08/grupo-de-mulheres-faz-mamaco-em-atos-pelo-aleitamento-materno-em-bh.html>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA; Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. 2014. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_mercado\\_trabalho.html](http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_mercado_trabalho.html)>. Acesso em: 12 jan. 2017.

KALIL, Irene Rocha; COSTA, Maria Conceição. Entre o direito, o dever e o risco: olhares de gênero sobre amamentação. *Revista PerCursos*. v. 14, n.27, p.07-32, jul./dez. 2013.

KALIL, Irene. De silêncio e som: a produção de sentidos nos discursos pró-aleitamento materno contemporâneos. 1ª ed. Rio de Janeiro, Multifoco, 2016.

LIMA, Marcia; RIOS, Flavia; FRANÇA, Danilo. Articulando Gênero e Raça: a participação das mulheres negras no Mercado de Trabalho (1995-2009). In: MAZZINI, M. M. *et al.* (Org.). Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil - Brasília: Ipea, 2013. p. 53-80.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, I. S. de; SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003. p. 107-127.

MENDES, Letícia. Mulheres realizam mamaço no MIS após mãe ser proibida de amamentar. *G1*. 16 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/02/mulheres-realizam-mamaco-no-mis-apos-mae-ser-proibida-de-amamentar.html/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. Pedagogias do aleitamento materno e produção de identidades de gênero. 2000. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao\\_e\\_Políticas/Mesa\\_Redonda\\_-\\_Trabalho/02\\_01\\_38\\_4M3703.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao_e_Políticas/Mesa_Redonda_-_Trabalho/02_01_38_4M3703.pdf)>. Acesso em: 4 jan. 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 33-58, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2817>>, Acesso em: 4 jan. 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, a. 57, n. 1, p. 13-8, jan./fev. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 4 jan. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, I. S. de; SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003. p. 13-27.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RIBEIRO, Djamila. Mulheres Negras: o sujeito desconhecido. In: #MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes / Coletivo Não me Kahlo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. p. 36-54.

SANCHES, Maíra. Grande ABC terá 'mamaço' contra tabus. Diário do Grande ABC. 3 ago.2012. Disponível em: <[www.dgabc.com.br/Noticia/50330/grande-abc-tera-mamaco-contratabus](http://www.dgabc.com.br/Noticia/50330/grande-abc-tera-mamaco-contratabus)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SANDRE-PEREIRA, Gilza. Amamentação e sexualidade. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 467-491, jul-dez 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9842/9071>. Acesso em: 9 nov. 2016.

SAYÃO, D. T. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrote PierreBourdieu. Perspectiva, Florianópolis, 21 (01), 121-149. Disponível em: <[http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2003\\_01/07\\_artigo\\_sayao.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2003_01/07_artigo_sayao.pdf)>. Acesso em 20 jan. 2017.

SILVA, Tatiana Dias; Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MAZZINI, M. M. et al. (Org.). Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vidas das mulheres negras no Brasil - Brasília: Ipea, 2013. p. 109-131.

VENANCIO, Sonia Isoyama. Epidemiologia do aleitamento materno no Brasil: Tendência no período de 1975-1999. In: ISSLER, Hugo (Coord.). O aleitamento materno no contexto atual: políticas, prática e bases científicas. São Paulo: Sarvier, 2008. p. 37-41.

VIEIRA, Elizabeth Meloni. A medicalização do corpo feminino. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

WOLF, Jacqueline H. Got milk? Not in public! International Breastfeeding Journal, v. 3, n.11, p. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.internationalbreastfeedingjournal.com/content/pdf/1746-4358-3-11.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

## ANEXOS

## Anexo 1 - Matérias encontradas no período analisado

2011					
	Título	Fonte	Data	UF	Link
1.	Mamaço coletivo no Itaú Cultural ganha o apoio da direção do local	Revista Crescer	12/05	SP	<a href="http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI232979-10585,00.html">http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI232979-10585,00.html</a>
2.	Mães fazem 'mamaço' por amamentação em público em SP	Terra	12/05	SP	<a href="https://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/maes-fazem-mamaco-por-amamentacao-em-publico-em-sp,5a7a0970847ea310VgnCLD20000bbcceb0aRCRD.html">https://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/maes-fazem-mamaco-por-amamentacao-em-publico-em-sp,5a7a0970847ea310VgnCLD20000bbcceb0aRCRD.html</a>
3.	Mães dão de mamar em grupo para protestar em SP	Do R7, com Agência Estado	12/05	SP	<a href="http://noticias.r7.com/saude/noticias/maes-dao-de-mamar-em-grupo-para-protestar-em-sp-20110512.html">http://noticias.r7.com/saude/noticias/maes-dao-de-mamar-em-grupo-para-protestar-em-sp-20110512.html</a>
4.	Mulheres fazem 'mamaço' pelo direito de alimentar os filhos em SP	Do G1, em São Paulo	12/05	SP	<a href="http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/mulheres-fazem-mamaco-pelo-direito-de-alimentar-os-filhos-em-sp.html">http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/mulheres-fazem-mamaco-pelo-direito-de-alimentar-os-filhos-em-sp.html</a>
5.	Mães promovem amamentação coletiva em espaço cultural de SP	Veja.com	12/05	SP	<a href="http://veja.abril.com.br/brasil/maes-promovem-amamentacao-coletiva-em-espaco-cultural-de-sp/">http://veja.abril.com.br/brasil/maes-promovem-amamentacao-coletiva-em-espaco-cultural-de-sp/</a>
6.	Bebês censurados	Época	16/05	BR	<a href="http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI233615-15230,00-BEBES+CENSURADOS.html">http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI233615-15230,00-BEBES+CENSURADOS.html</a>
7.	RJ: mães fazem mamaço no Parque Lage por amamentação livre	Terra	12/06	RJ	<a href="https://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/rj-maes-fazem-mamaco-no-parque-lage-por-amamentacao-livre,657a0970847ea310VgnCLD20000bbcceb0aRCRD.html">https://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/rj-maes-fazem-mamaco-no-parque-lage-por-amamentacao-livre,657a0970847ea310VgnCLD20000bbcceb0aRCRD.html</a>
8.	Mulheres organizam 'mamaço' em defesa da amamentação em público	IG Minas Gerais	05/06	MG	<a href="http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/mulheres-organizam-mamaco-em-defesa-da-amamentacao-em-publico/n1597004929945.html">http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/mulheres-organizam-mamaco-em-defesa-da-amamentacao-em-publico/n1597004929945.html</a>
9.	Mães promovem amamentação em 'mamaço' em Belo Horizonte	G1 MG	05/06	MG	<a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/06/maes-promovem-amamentacao-em-mamaco-em-belo-horizonte.html">http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/06/maes-promovem-amamentacao-em-mamaco-em-belo-horizonte.html</a>
10.	Mães se reúnem para dar de mamar no centro de BH	R7	05/06	MG	<a href="http://noticias.r7.com/cidades/noticias/mae-se-reunem-para-dar-de-mamar-no-centro-de-bh-20110605.html">http://noticias.r7.com/cidades/noticias/mae-se-reunem-para-dar-de-mamar-no-centro-de-bh-20110605.html</a>
11.	Novas formas de protesto tomam conta do país	Jornal do Brasil	12/06		<a href="http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/06/12/novas-formas-de-protesto-tomam-conta-do-pais/">http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/06/12/novas-formas-de-protesto-tomam-conta-do-pais/</a>
12.	Marchas criadas pela internet viram piada no Twitter	Jornal do Brasil	06/07		<a href="http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2011/07/06/marchas-criadas-pela-internet-viram-piada-no-twitter/">http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2011/07/06/marchas-criadas-pela-internet-viram-piada-no-twitter/</a>





	do Mamaço	Engeplus			geral/imbituba-participa-da-hora-do-mamaco/
10.	Domingo tem Mamaço e caminhada da saúde em Joinville	A Notícia	01/08	SC	<a href="http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/08/domingo-tem-mamaco-e-caminhada-da-saude-em-joinville-4565610.html">http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/08/domingo-tem-mamaco-e-caminhada-da-saude-em-joinville-4565610.html</a>
11.	Bárbara Borges amamenta filho e apoia campanha	Ego.com	02/08		<a href="http://ego.globo.com/criancas/noticia/08/barbara-borges-amamenta-filho-e-apoia-campanha.html">http://ego.globo.com/criancas/noticia/08/barbara-borges-amamenta-filho-e-apoia-campanha.html</a>
12.	Mães fazem "Hora do Mamaço" em São Paulo para incentivar aleitamento materno	Agência Brasil	02/08	BR	<a href="http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia-08/maes-fazem-hora-do-mama%C3%A7o-em-sao-paulo-para-incentivar-aleitamento-materno">http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia-08/maes-fazem-hora-do-mama%C3%A7o-em-sao-paulo-para-incentivar-aleitamento-materno</a>
13.	Hora do Mamaço em Blumenau reúne mães em luta contra o preconceito pela amamentação em locais públicos	Jornal de Santa Catarina	02/08	SC	<a href="http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/08/hora-do-mamaco-em-blumenau-reune-maes-em-luta-contra-o-preconceito-pela-amamentacao-em-locais-publicos-4565457.html">http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/08/hora-do-mamaco-em-blumenau-reune-maes-em-luta-contra-o-preconceito-pela-amamentacao-em-locais-publicos-4565457.html</a>
14.	Mães fazem 'Hora do Mamaço' em SP para incentivar aleitamento materno	Paraíba.com.br / UOL	02/08	BR	<a href="http://www.paraiba.com.br/08/02/95803-maes-fazem-hora-do-mamaco-em-sp-para-incentivar-aleitamento-materno">http://www.paraiba.com.br/08/02/95803-maes-fazem-hora-do-mamaco-em-sp-para-incentivar-aleitamento-materno</a>
15.	'Hora do Mamaço' reúne mais de 150 mães em ato de amamentação	G1 Santos	02/08	SP	<a href="http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/08/hora-do-mamaco-reune-mais-de-150-maes-em-ato-de-amamentacao.html">http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/08/hora-do-mamaco-reune-mais-de-150-maes-em-ato-de-amamentacao.html</a>
16.	Hora do Mamaço reúne mães em praça de Itajaí	O Diário	03/08	SC	<a href="http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/cidades/noticia/08/hora-do-mamaco-reune-maes-em-praca-de-itajai-4566658.html">http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/cidades/noticia/08/hora-do-mamaco-reune-maes-em-praca-de-itajai-4566658.html</a>
17.	Primeiro Mamaço de Criciúma é adiado devido ao mau tempo	Engeplus	04/08	SC	<a href="http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/primeiro-mamaco-de-criciuma-e-adiado-devido-ao-mau-tempo/">http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/primeiro-mamaco-de-criciuma-e-adiado-devido-ao-mau-tempo/</a>
18.	Semana Mundial do Aleitamento Materno enfatiza importância da amamentação	Engeplus	07/08	SC	<a href="http://www.engeplus.com.br/noticia/saude/semana-mundial-do-aleitamento-materno-enfatiza-importancia-da-amamentacao/">http://www.engeplus.com.br/noticia/saude/semana-mundial-do-aleitamento-materno-enfatiza-importancia-da-amamentacao/</a>
19.	Petrópolis, RJ, realiza 'Caminhada Laranja' e 'Mamaço Imperial'	Do G1 Região Serrana	08/08	RJ	<a href="http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/08/petropolis-rj-realiza-caminhada-laranja-e-mamaco-imperial.html">http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/08/petropolis-rj-realiza-caminhada-laranja-e-mamaco-imperial.html</a>
20.	Caminhada e 'mamaço' reúnem 600 pessoas em Petrópolis, no RJ	Do G1 Região Serrana	09/08	RJ	<a href="http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/08/caminhada-e-mamaco-reunem-600-pessoas-em-petropolis-no-rj.html">http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/08/caminhada-e-mamaco-reunem-600-pessoas-em-petropolis-no-rj.html</a>
21.	Mães realizam 'mamaço' no Teatro Atiaia em Governador Valadares	Do G1 Vales de Minas Gerais	18/08	MG	<a href="http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/08/maes-realizam-mamaco-no-teatro-atiaia-em-governador-valadares.html">http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/08/maes-realizam-mamaco-no-teatro-atiaia-em-governador-valadares.html</a>
22.	Em RO, mães participam de 'mamaço' para incentivo do aleitamento materno	G1 RO	30/08	RO	<a href="http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/08/em-ro-maes-participam-de-mamaco-para-incentivo-do-aleitamento-materno.html">http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/08/em-ro-maes-participam-de-mamaco-para-incentivo-do-aleitamento-materno.html</a>
23.	Em Manaus, 'mamaço' reúne	Do G1	26/11	AM	<a href="http://g1.globo.com/am/amazonas/n">http://g1.globo.com/am/amazonas/n</a>

	cerca de mil mães na Ponta Negra	AM			oticia/11/em-manaus-mamaco-reune-cerca-de-mil-maes-na-ponta-negra.html
--	----------------------------------	----	--	--	--

2016					
	Título	Fonte	Data	UF	Link
1.	Mães podem amamentar em locais públicos ou privados	Jornal Cruzeiro do Sul	12/01	SP	<a href="http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/668496/maes-podem-amamentar-em-locais-publicos-ou-privados">http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/668496/maes-podem-amamentar-em-locais-publicos-ou-privados</a>
2.	'Além dos 6 meses': projeto defende amamentação prolongada	D24hAM	10/02	AM	<a href="http://new.d24am.com/plus/comportamento/alem-6-meses-projeto-defende-amamentacao-prolongada/146883">http://new.d24am.com/plus/comportamento/alem-6-meses-projeto-defende-amamentacao-prolongada/146883</a>
3.	Amamentação vira polêmica e mobiliza mulheres pelo direito de alimentar (ou não) o próprio filho	R7	08/03		<a href="http://entretenimento.r7.com/mulher/amamentacao-vira-polemica-e-mobiliza-mulheres-pelo-direito-de-alimentar-ou-nao-o-proprio-filho-08032016">http://entretenimento.r7.com/mulher/amamentacao-vira-polemica-e-mobiliza-mulheres-pelo-direito-de-alimentar-ou-nao-o-proprio-filho-08032016</a>
4.	Câmara discute lei que permite amamentação em lugares públicos	G1 Santos	04/04	SP	<a href="http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/04/camara-discute-lei-que-permite-amamentacao-em-lugares-publicos.html">http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/04/camara-discute-lei-que-permite-amamentacao-em-lugares-publicos.html</a>
5.	Mães realizam 'mamaço' no parque Cotia Pará, em Cubatão, SP	G1 Santos	16/04	SP	<a href="http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/04/maes-realizam-mamaco-no-parque-cotia-para-em-cubatao-sp.html">http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/04/maes-realizam-mamaco-no-parque-cotia-para-em-cubatao-sp.html</a>
6.	Mulheres comemoram Dia das Mães com 'mamaço' na Avenida Paulista	G1 São Paulo	08/05		<a href="http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/mulheres-comemoram-dia-das-maes-com-mamaco-na-avenida-paulista.html">http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/mulheres-comemoram-dia-das-maes-com-mamaco-na-avenida-paulista.html</a>
7.	Constranger mães que amamentam em público pode gerar multa	O Tempo	13/05	MG	<a href="http://www.otempo.com.br/cidades/constranger-m%C3%A3es-que-amamentam-em-p%C3%BAblico-pode-gerar-multa-1.1299374">http://www.otempo.com.br/cidades/constranger-m%C3%A3es-que-amamentam-em-p%C3%BAblico-pode-gerar-multa-1.1299374</a>
8.	Após Mamaço, hospital vai criar sala de ordenha e oferecer leite materno aos bebês	Rádio Brasil Atual	24/05	SP	<a href="http://www.redebrasilatual.com.br/radio/programas/jornal-brasil-atual/2016/05/apos-mamaco-hospital-vai-criar-sala-de-ordenha-e-oferecer-leite-materno-aos-bebes">http://www.redebrasilatual.com.br/radio/programas/jornal-brasil-atual/2016/05/apos-mamaco-hospital-vai-criar-sala-de-ordenha-e-oferecer-leite-materno-aos-bebes</a>
9.	Por falta de estrutura, mãe é impedida de amamentar bebê internado em UTI	Bebê.com.br	25/05	SP	<a href="http://bebe.abril.com.br/familia/por-falta-de-estrutura-mae-e-impedida-de-amamentar-bebe-internado-em-uti/">http://bebe.abril.com.br/familia/por-falta-de-estrutura-mae-e-impedida-de-amamentar-bebe-internado-em-uti/</a>
10.	Prefeito de BH sanciona lei que multa quem proibir mães de amamentar	G1 MG	29/06	MG	<a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/06/prefeito-de-bh-sanciona-lei-que-multa-quem-proibir-maes-de-amamentar.html">http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/06/prefeito-de-bh-sanciona-lei-que-multa-quem-proibir-maes-de-amamentar.html</a>
11.	Amamentação livre! Coibir mães por amamentarem em público será punível com multa	Bhaz	29/06	MG	<a href="http://bhaz.com.br/2016/06/29/amamentacao-livre-coibir-maes-por-amamentarem-em-publico-sera-punivel-com-multa/">http://bhaz.com.br/2016/06/29/amamentacao-livre-coibir-maes-por-amamentarem-em-publico-sera-punivel-com-multa/</a>
12.	Amamentação em público vira direito garantido por lei em BH	EM	30/06	MG	<a href="http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/06/30/interna_gerais,778476/amamentacao-em-publico-vira-direito-garantido-por-lei-em-">http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/06/30/interna_gerais,778476/amamentacao-em-publico-vira-direito-garantido-por-lei-em-</a>

					bh.shtml
13.	Mãe é proibida de amamentar filha em shopping de Lages e mamaço é organizado em resposta	Diário Catarinense	12/07	SC	<a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/07/mae-e-proibida-de-amamentar-filha-em-shopping-de-lages-e-mamaco-e-organizado-em-resposta-6565346.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/07/mae-e-proibida-de-amamentar-filha-em-shopping-de-lages-e-mamaco-e-organizado-em-resposta-6565346.html</a>
14.	Mãe é abordada por segurança ao amamentar em shopping de Lages	G1 SC	13/07	SC	<a href="http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/mae-e-abordada-por-seguranca-ao-amamentar-em-shopping-de-lages.html">http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/mae-e-abordada-por-seguranca-ao-amamentar-em-shopping-de-lages.html</a>
15.	Após segurança reclamar, mulheres fazem 'mamaço' em shopping de SC	G1 SC	17/07	SC	<a href="http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/apos-seguranca-reclamar-mulheres-fazem-mamaco-em-shopping-de-sc.html">http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/apos-seguranca-reclamar-mulheres-fazem-mamaco-em-shopping-de-sc.html</a>
16.	Mulheres fazem 'mamaço' em shopping de Santa Catarina que proibiu mãe de amamentar filha	HuffPost Brasil	18/07	SC	<a href="http://www.brasilpost.com.br/2016/07/18/maes-mamaco-shopping-lages-sc_n_11058928.html">http://www.brasilpost.com.br/2016/07/18/maes-mamaco-shopping-lages-sc_n_11058928.html</a>
17.	Argentina faz "mamaço" após mãe ser proibida de amamentar	Terra	19/07		<a href="https://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/mamaco-e-convocado-na-argentina-apos-maer-proibida-de-amamentar-na-rua,ec9afc17f6e0cf5f56519b369aad825a96p49nvp.html">https://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/mamaco-e-convocado-na-argentina-apos-maer-proibida-de-amamentar-na-rua,ec9afc17f6e0cf5f56519b369aad825a96p49nvp.html</a>
18.	Mães de SC já podem amamentar filhos em locais públicos	Criciúma News	20/07	SC	<a href="http://criciumanews.com.br/2016/07/20/maes-de-sc-ja-podem-amamentar-filhos-em-locais-publicos/">http://criciumanews.com.br/2016/07/20/maes-de-sc-ja-podem-amamentar-filhos-em-locais-publicos/</a>
19.	Polícia proíbe amamentação e mães protestam com 'mamaço' na Argentina	G1, em São Paulo	23/07		<a href="http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/policia-proibe-amamentacao-e-maes-protestam-com-mamaco-na-argentina.html">http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/policia-proibe-amamentacao-e-maes-protestam-com-mamaco-na-argentina.html</a>
20.	Mães fazem 'mamaço' em protestos na Argentina	Veja.com	23/07		<a href="http://veja.abril.com.br/mundo/maes-fazem-mamaco-em-protestos-na-argentina/">http://veja.abril.com.br/mundo/maes-fazem-mamaco-em-protestos-na-argentina/</a>
21.	Argentinas fazem 'mamaço' em praças por direito de amamentar em público	Estadão.com	23/07		<a href="http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,argentinas-fazem-mamaco-em-pracas-por-direito-de-dar-o-peito-em-publico,10000064637">http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,argentinas-fazem-mamaco-em-pracas-por-direito-de-dar-o-peito-em-publico,10000064637</a>
22.	Argentinas fazem "mamaço" após jovem ser proibida de amamentar em público	Terra	23/07		<a href="https://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/argentinas-fazem-mamaco-apos-jovem-ser-proibida-de-amamentar-em-publico,3a000d775eda8c0a2d57176143a60390t8ddvvg5.html">https://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/argentinas-fazem-mamaco-apos-jovem-ser-proibida-de-amamentar-em-publico,3a000d775eda8c0a2d57176143a60390t8ddvvg5.html</a>
23.	Por que ainda estamos lutando pela amamentação?	Portal Vermelho	24/07		<a href="http://www.vermelho.org.br/noticia/283966-1">http://www.vermelho.org.br/noticia/283966-1</a>
24.	Apresentadoras de TV amamentam seus filhos ao vivo, na Argentina	Extra	26/07		<a href="http://extra.globo.com/noticias/mundo/apresentadoras-de-tv-amamentam-seus-filhos-ao-vivo-na-argentina-19785265.html">http://extra.globo.com/noticias/mundo/apresentadoras-de-tv-amamentam-seus-filhos-ao-vivo-na-argentina-19785265.html</a>
25.	Hora do Mamaço ocorre no próximo dia 6 em Santos	A Tribuna	27/07	SP	<a href="http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/santos/hora-do-">http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/santos/hora-do-</a>

					<a href="http://mamacosantos.com.br/?cHash=e224891f15ba528708b926b6dad23953">mamacosantos/?cHash=e224891f15ba528708b926b6dad23953</a>
26.	Mães de Campinas se mobilizam para um 'mamaço' no Centro de Convivência	Carta Campinas	28/07	SP	<a href="http://cartacampinas.com.br/2016/07/maes-de-campinas-se-mobilizam-para-um-mamaco-no-centro-de-convivencia/">http://cartacampinas.com.br/2016/07/maes-de-campinas-se-mobilizam-para-um-mamaco-no-centro-de-convivencia/</a>
27.	4º Mamaço de Curitiba está marcado para o domingo	Bem Paraná	31/07	PR	<a href="http://www.bemparana.com.br/noticia/456516/4o-mamaco-de-curitiba-esta-marcado-para-o-domingo">http://www.bemparana.com.br/noticia/456516/4o-mamaco-de-curitiba-esta-marcado-para-o-domingo</a>
28.	Semana mundial do aleitamento materno é celebrada de 1º a 7 de agosto	Portal Vermelho	01/08		<a href="http://www.vermelho.org.br/noticia/284401-1">http://www.vermelho.org.br/noticia/284401-1</a>
29.	Na semana mundial da amamentação, a importância do leite materno	Notícias do Dia	01/08	SC	<a href="http://ndonline.com.br/joinville/noticias/semana-mundial-da-amamentacao-comecou-nesta-segunda-feira-e-segue-ate-o-proximo-domingo">http://ndonline.com.br/joinville/noticias/semana-mundial-da-amamentacao-comecou-nesta-segunda-feira-e-segue-ate-o-proximo-domingo</a>
30.	Campanha orienta sobre a naturalidade da amamentação em público em Teresina	CidadeVerde.com	02/08	PI	<a href="http://cidadeverde.com/noticias/226018/campanha-orienta-sobre-a-naturalidade-da-amamentacao-em-publico-em-teresina">http://cidadeverde.com/noticias/226018/campanha-orienta-sobre-a-naturalidade-da-amamentacao-em-publico-em-teresina</a>
31.	Campanha incentiva o aleitamento	Diário de Cuibá	02/08	MT	<a href="http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=493662">http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=493662</a>
32.	Semana Mundial do Aleitamento Materno 2016 traz a sustentabilidade como tema	Diário Digital	02/08	MT	<a href="http://www.diariodigital.com.br/geral/semana-mundial-do-aleitamento-materno-2016-traz-a-sustentabilidade/147440/">http://www.diariodigital.com.br/geral/semana-mundial-do-aleitamento-materno-2016-traz-a-sustentabilidade/147440/</a>
33.	Semana de Aleitamento materno impulsiona doações na Evangelina Rosa	Portal do Governo do Piauí	02/08	PI	<a href="http://www.piaui.pi.gov.br/noticias/index/id/26890">http://www.piaui.pi.gov.br/noticias/index/id/26890</a>
34.	"Mamaço" marca Semana Mundial da Amamentação em Natal	G1 RN	03/08	RN	<a href="http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2016/08/mamaco-marca-semana-mundial-da-amamentacao-em-natal.html">http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2016/08/mamaco-marca-semana-mundial-da-amamentacao-em-natal.html</a>
35.	'Mamaço' na Colômbia: mulheres se reúnem em protesto a favor da amamentação	O Globo	03/08		<a href="http://blogs.oglobo.globo.com/pai-para-toda-obra/post/mulheres-se-reunem-na-colombia-em-protesto-favor-da-amamentacao.html">http://blogs.oglobo.globo.com/pai-para-toda-obra/post/mulheres-se-reunem-na-colombia-em-protesto-favor-da-amamentacao.html</a>
36.	SMAM: Mamaço em Fortaleza	O Povo	03/08	CE	<a href="http://blog.opovo.com.br/imaes/smam-mamaco-em-fortaleza/">http://blog.opovo.com.br/imaes/smam-mamaco-em-fortaleza/</a>
37.	Mães de bebês com microcefalia recebem orientações	Alagoas 24h	03/08	AL	<a href="http://www.alagoas24horas.com.br/992366/maes-de-bebes-com-microcefalia-recebem-orientacoes/">http://www.alagoas24horas.com.br/992366/maes-de-bebes-com-microcefalia-recebem-orientacoes/</a>
38.	MS tem yoga, dança e mamaço na semana do aleitamento materno	G1 MS com informações da TV Morena	04/08	MS	<a href="http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/08/hora-do-mamaco-comemora-semana-do-aleitamento-materno-em-ms.html">http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/08/hora-do-mamaco-comemora-semana-do-aleitamento-materno-em-ms.html</a>
39.	Mamaço 2016 acontece neste sábado (6) no Sofia Feldman	Hoje em dia	04/08	MG	<a href="http://hojeemdia.com.br/horizontes/mama%C3%A7o-2016-acontece-neste-s%C3%A1bado-6-no-sofia-feldman-1.403277">http://hojeemdia.com.br/horizontes/mama%C3%A7o-2016-acontece-neste-s%C3%A1bado-6-no-sofia-feldman-1.403277</a>

40.	Atividades conscientizam sobre amamentação no Alto Tietê	G1 Mogi das Cruzes e Suzano	04/08	SP	<a href="http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2016/08/atividades-conscientizam-sobre-amamentacao-no-alto-tiete.html">http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2016/08/atividades-conscientizam-sobre-amamentacao-no-alto-tiete.html</a>
41.	Em Brasília, mães participam da Hora do Mameço para incentivar aleitamento	Agência Brasil	06/08		<a href="http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-08/maes-participam-da-hora-do-mamaco-em-brasilia">http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-08/maes-participam-da-hora-do-mamaco-em-brasilia</a>
42.	Grupo de mulheres faz 'mameço' em atos pelo aleitamento materno em BH	Do G1 MG	06/08	MG	<a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/08/grupo-de-mulheres-faz-mamaco-em-atos-pelo-aleitamento-materno-em-bh.html">http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/08/grupo-de-mulheres-faz-mamaco-em-atos-pelo-aleitamento-materno-em-bh.html</a>
43.	Mães se reúnem no Biergarten para a Hora do Mameço em Blumenau	Diário Catarinense	06/08	SC	<a href="http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/08/maes-se-reunem-no-biergarten-para-a-hora-do-mamaco-em-blumenau-7193265.html">http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/08/maes-se-reunem-no-biergarten-para-a-hora-do-mamaco-em-blumenau-7193265.html</a>
44.	Em Manaus, 'Hora do Mameço' reúne mães no Teatro Amazonas	Portal 24AM	06/08	AM	<a href="http://new.d24am.com/noticias/amazonas/manaus-hora-mamaco-reune-maes-teatro-amazonas/156527">http://new.d24am.com/noticias/amazonas/manaus-hora-mamaco-reune-maes-teatro-amazonas/156527</a>
45.	"Mameço" marcará Semana Mundial da Amamentação	Tribuna do Norte	06/08		<a href="http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/mamaa-o-marcara-semana-mundial-da-amamentaa-a-o/354369">http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/mamaa-o-marcara-semana-mundial-da-amamentaa-a-o/354369</a>
46.	Mães fazem 'mameço' para incentivar amamentação em Goiânia	G1 GO	06/08	GO	<a href="http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/08/maes-fazem-mamaco-para-incentivar-amamentacao-em-goiania.html">http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/08/maes-fazem-mamaco-para-incentivar-amamentacao-em-goiania.html</a>
47.	Mães joinvilenses participam do 3º Mameço de Joinville	A Notícia	06/08	SC	<a href="http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/guia-mais/noticia/2016/08/maes-joinvilenses-participam-do-3-mamaco-de-joinville-7193560.html">http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/guia-mais/noticia/2016/08/maes-joinvilenses-participam-do-3-mamaco-de-joinville-7193560.html</a>
48.	Em favor da doação de leite materno, shopping cria 'praça de amamentação'	G1 PI	06/08	PI	<a href="http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/08/em-favor-da-doacao-de-leite-materno-shopping-cria-praca-de-amamentacao.html">http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/08/em-favor-da-doacao-de-leite-materno-shopping-cria-praca-de-amamentacao.html</a>
49.	Mameço encerra Semana do Aleitamento Materno em Maceió	Gazeta Web	07/08		<a href="http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia.php?c=15670">http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia.php?c=15670</a>
50.	Hora do Mameço: amamentação é debatida no Palacete das Artes	Correio	07/08	BA	<a href="http://www.correio24horas.com.br/single-entretenimento/noticia/hora-do-mamaco-amamentacao-e-debatida-no-palacete-das-artes/?cHash=9528fc9f6d70f0e9666f5bbb8f7de084">http://www.correio24horas.com.br/single-entretenimento/noticia/hora-do-mamaco-amamentacao-e-debatida-no-palacete-das-artes/?cHash=9528fc9f6d70f0e9666f5bbb8f7de084</a>
51.	Shopping em Caxias tem 'mameço' para estimular amamentação	Extra	12/08	RJ	<a href="http://extra.globo.com/noticias/rio/shopping-em-caxias-tem-mamaco-para-estimular-amamentacao-19910722.html">http://extra.globo.com/noticias/rio/shopping-em-caxias-tem-mamaco-para-estimular-amamentacao-19910722.html</a>
52.	Hora do Mameço: Mulheres vão se reunir em praça de Vilhena	Folha do Sul	12/08		<a href="http://www.rondoniadinamica.com/arquivo/hora-do-mamaco-mulheres-va-se-reunir-em-praca-de-vilhena,118777.shtml">http://www.rondoniadinamica.com/arquivo/hora-do-mamaco-mulheres-va-se-reunir-em-praca-de-vilhena,118777.shtml</a>
53.	Campanha Mundial lembra lei que permite aleitamento materno em locais públicos	Olhar Direto	12/08	MT	<a href="http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=campanha-mundial-lembra-lei-que-permite-aleitamento-materno-em-locais-">http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=campanha-mundial-lembra-lei-que-permite-aleitamento-materno-em-locais-</a>

					publicos&id=425028
54.	Campus da Unifor recebe famílias em evento pró-amamentação	UNIFOR /G1 - publicidade	19/08	CE	<a href="http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2016/08/campus-da-unifor-recebe-familias-em-evento-pro-amamentacao.html">http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2016/08/campus-da-unifor-recebe-familias-em-evento-pro-amamentacao.html</a>
55.	ONG promove mamaço e oficinas para mães e bebês	O Povo online	21/08		<a href="http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/08/21/noticiafortaleza,3650654/ong-promove-mamaco-e-oficinas-para-maes-e-bebes.shtml">http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/08/21/noticiafortaleza,3650654/ong-promove-mamaco-e-oficinas-para-maes-e-bebes.shtml</a>
56.	Programação valoriza o aleitamento materno em Ananindeua, PA	G1 PA	23/08	PA	<a href="http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/08/programacao-valoriza-o-aleitamento-materno-em-ananindeua-pa.html">http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/08/programacao-valoriza-o-aleitamento-materno-em-ananindeua-pa.html</a>
57.	Mamaço no Rio reúne mães e bebês em defesa do aleitamento materno	Agência Brasil	27/08	RJ	<a href="http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-08/mamaco-na-penha-reune-maes-com-seus-bebes-em-defesa-do-aleitamento-materno">http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-08/mamaco-na-penha-reune-maes-com-seus-bebes-em-defesa-do-aleitamento-materno</a>
58.	Mães fazem 'mamaço' na escadaria da Igreja da Penha, no Rio	Extra	27/08	RJ	<a href="http://extra.globo.com/noticias/rio/maes-fazem-mamaco-na-escadaria-da-igreja-da-penha-no-rio-20006376.html">http://extra.globo.com/noticias/rio/maes-fazem-mamaco-na-escadaria-da-igreja-da-penha-no-rio-20006376.html</a>
59.	'Mamaço' incentiva e tira dúvidas sobre o processo de amamentação	G1 Presidente Prudente	28/08		<a href="http://g1.globo.com/sp/presidente-regiao/noticia/2016/08/mamaco-incentiva-e-tira-duvidas-sobre-o-processo-de-amamentacao.html">http://g1.globo.com/sp/presidente-regiao/noticia/2016/08/mamaco-incentiva-e-tira-duvidas-sobre-o-processo-de-amamentacao.html</a>
60.	Campanha incentiva aleitamento materno no Paraná	Paraná Portal	04/09	PR	<a href="http://paranaportal.uol.com.br/cidades/campanha-incentiva-aleitamento-materno-no-parana/">http://paranaportal.uol.com.br/cidades/campanha-incentiva-aleitamento-materno-no-parana/</a>
61.	Mamaço em Brasília incentiva aleitamento e doação de leite materno	Agência Brasil	19/09	DF	<a href="http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-09/mamaco-em-brasilia-incentiva-aleitamento-e-doacao-de-leite-materno">http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-09/mamaco-em-brasilia-incentiva-aleitamento-e-doacao-de-leite-materno</a>
62.	Mulheres em Brasília fazem mamaço para alertar sobre importância do aleitamento materno	Onda	19/09	DF	<a href="http://ondda.com/noticias/2016/09/mulheres-em-brasilia-fazem-mamaco-para-alertar-sobre-importancia-do-aleitamento-materno">http://ondda.com/noticias/2016/09/mulheres-em-brasilia-fazem-mamaco-para-alertar-sobre-importancia-do-aleitamento-materno</a>
63.	Cubatão receberá primeiro 'Mamaço Rosa' da cidade no Parque Anilinas	G1 Santos	05/10	SP	<a href="http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/outubro-rosa/noticia/2016/10/cubatao-recebera-primeiro-mamaco-rosa-da-cidade-no-parque-anilinas.html">http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/outubro-rosa/noticia/2016/10/cubatao-recebera-primeiro-mamaco-rosa-da-cidade-no-parque-anilinas.html</a>

## Anexo 2 - Descrição das matérias analisadas na pesquisa

Título	Mulheres fazem 'mamaço' pelo direito de alimentar os filhos em SP	
Gravata/ Chapéu	Antropóloga foi impedida de amamentar em espaço de exposição em março. Mães debateram o caso na internet e organizaram o encontro nesta quinta.	
Veículo	G1	12/05/2011
Assinatura	Glauco Araújo	
Link	<a href="http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/mulheres-fazem-mamaco-pelo-direito-de-alimentar-os-filhos-em-sp.html">http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/mulheres-fazem-mamaco-pelo-direito-de-alimentar-os-filhos-em-sp.html</a>	
Imagens	<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>
	1	Mãe interpelada no espaço com bebê no colo
	2	Diretor do espaço
	3	Mostra o braço e o seio de uma mãe enquanto ela amamenta e o filho vira a cabeça para olhar para a câmera
	4	Bebê mamando com parte do seio a mostra
	5	Mulher amamentando
	6	Mãe com filho no colo
	7	Mãe amamenta com o seio a mostra
	8	Crianças brincando
	9 e 10	Mães com bebês no colo
	11	Duas mães, sentadas lado a lado, amamentam seus filhos.
<b>Quem fala (por ordem de aparição)</b>	<b>O que fala</b>	
Diretor do espaço	Pedidos de desculpas; questionamentos; revisão de normas internas; questões familiares; Assume a má instrução à funcionária.	
mãe 1	Pedido para que o exemplo aconteça em outros lugares; questionamentos sobre espaços preparados para receber crianças pequenas.	
Mãe 2	"A amamentação, antes de ser apenas uma alimentação, é uma forma de aumentar o vínculo entre mãe e filho. Quem se incomodar, o problema não é meu"	
Mãe 3	"O mais importante de tudo isso é que as pessoas aprendam que a amamentação não deve se tornar um tabu e que as crianças não vejam isso como um problema. É uma hipocrisia, um absurdo não poder amamentar seu filho em espaço público".	
Mãe 4	"É natural. Há muita divulgação de alimentação artificial, de leite em pó. A mãe precisa ser preparada para alimentar os filhos e saber que são capazes de fazer isso. Somos mamíferos e nada mais natural que mamemos".	
Representante do GAMA	"Queremos reforçar o papel de mãe que amamenta. Queremos debater o assunto e mostrar que a amamentação deve ser respeitada e apoiada."	
Apoiadora do grupo	"Somos mães que amamentam. Nosso papel é de acolhimento a quem quer amamentar e de auxiliar as mulheres que querem e podem amamentar"	
<b>Abordagem no texto</b>	Diversas fontes; opiniões de diversas mães; cobertura da ação; amamentação como algo natural.	

Título	Grande ABC terá 'mamaço' contra tabus	
Gravata/ Chapéu	<i>(Não possui)</i>	
Veículo	Diário do Grande ABC	03/08/2012
Assinatura	Maíra Sanches	
Link	<a href="http://www.dgabc.com.br/Noticia/50330/grande-abc-tera-mamaco-contratabus">http://www.dgabc.com.br/Noticia/50330/grande-abc-tera-mamaco-contratabus</a>	
Imagens	<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>
	1	Mãe amamenta sentada no banco da praça com carrinho ao fundo
<b>Quem fala (por ordem de aparição)</b>	<b>O que fala</b>	
Organizador a	"Atualmente temos de lidar com as coisas de forma moderna, mas sem perder o que é natural. Somos mães".	

	"Tem muito tabu em cima disso. Há retrocessos acontecendo. Precisamos resgatar o poder da mulher enquanto mamífero. O corpo é nosso. Não é decisão do médico",
<b>Abordagem no texto</b>	Divulgação do evento; aborda o preconceito; SMAM; aleitamento exclusivo; amamentação prolongada e em livre demanda; maternidade ativa.

<b>Título</b>	<b>Hora do Mamaço em Blumenau reúne mães em luta contra o preconceito pela amamentação em locais públicos</b>	
<b>Gravata/Chapéu</b>	Evento criado pela organização Aleitamento Materno Solidário (AMS) chega a terceira edição	
<b>Veículo</b>	Jornal de Santa Catarina	02/08/2014
<b>Assinatura</b>	Aline Camargo	
<b>Link</b>	<a href="http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/08/hora-do-mamaco-em-blumenau-reune-maes-em-luta-contra-o-preconceito-pela-amamentacao-em-locais-publicos-4565457.html">http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/08/hora-do-mamaco-em-blumenau-reune-maes-em-luta-contra-o-preconceito-pela-amamentacao-em-locais-publicos-4565457.html</a>	
<b>Imagens</b>	<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>
	1	Close no bebê que amamenta enquanto olha para a câmera
	Vídeo	Mães dão explicação sobre a hora do mamaço, os tabus da amamentação e do corpo.
<b>Quem fala (por ordem de aparição)</b>	<b>O que fala</b>	
Pediatra	Sobre a sexualização do seio: "As pessoas têm dificuldade de aceitar que o seio materno alimenta. É curioso que num shopping, por exemplo, onde tem uma praça de alimentação, criem uma salinha de amamentação. É claro que se ela se sente desconfortável ao dar de mamar em público ela deve ter um lugar reservado, mas a amamentação deve ser encarada como alimentação natural". "Uma coisa curiosa é que expor os seios do ponto de vista do Carnaval, por exemplo, não há nenhum problema, mas se uma mulher expõe o seio para alimentar o próprio filho as pessoas ficam horrorizadas. É incompreensível".	
Psicóloga do Banco de Leite Humano de Blumenau	A repórter utiliza, inicialmente, a fala da entrevistada de forma indireta, utilizando no texto da seguinte forma: "destacando que a sociedade moderna prioriza a função estética do corpo e por isso o seio é visto, primeiramente, como órgão sexual e de apelo erótico. Ela ainda ressalta que eventos como o Mamaço podem ajudar a mudar o pensamento em relação à amamentação em público". "O seio tem essas duas funções que são nobres, de sexualidade e de alimentação, mas no momento em que a mãe está amamentando ele é da criança, é para isso que serve. Acho que à medida que as pessoas ouvem falar mais nisso, com esses eventos, e isso ganha a força do coletivo, a consciência vai mudando".	
Nutricionista da Secretaria de Saúde de Joinville	"Cada vez mais fica evidente o descompasso entre o avanço científico sobre a amamentação e o ato de amamentar enquanto uma prática socialmente instituída. A amamentação precisa ser encarada como um dos atributos que caracterizam a maternidade como um bem social compartilhado. Necessita, portanto, ser compreendido como um processo político e social, na medida em que é um ato compartilhado e, portanto, regulado pela sociedade que imprime sua ideologia. É uma opção da mulher, determinada por suas condições concretas de vida. Neste sentido, a rede de apoio, que inclui a família, os amigos, os profissionais de saúde e toda a sociedade são fundamentais para encorajar e amparar a mulher que amamenta. Se a construção de um estado mais digno no futuro depende dos investimentos na infância, a amamentação rompe as fronteiras da saúde para ser discutida como uma questão de cidadania, entendendo que o primeiro direito que toda criança tem neste mundo é o direito ao leite materno como salvaguarda à vida".	
<b>Abordagem no texto</b>	Hora do Mamaço; SMAM; Lei estadual já em vigor; utiliza o termo "constrangimento" para falar das mulheres que foram abordadas por amamentarem; afirma que o debate serve "para fortalecer o direito à amamentação"	



	em qualquer lugar".
--	---------------------

<b>Título</b>	<b>Grupo de mulheres faz 'mamaço' em atos pelo aleitamento materno em BH</b>	
<b>Gravata/ Chapéu</b>	Na Praça da Liberdade, elas falaram sobre a importância da amamentação. Enfermeira explica que o aleitamento ajuda a preservar o meio ambiente.	
<b>Veículo</b>	G1	06/08/2016
<b>Assinatura</b>	Do G1 MG, com informações do MGTV	
<b>Link</b>	<a href="http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/08/grupo-de-mulheres-faz-mamaco-em-atos-pelo-aleitamento-materno-em-bh.html">http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/08/grupo-de-mulheres-faz-mamaco-em-atos-pelo-aleitamento-materno-em-bh.html</a>	
<b>Imagens</b>	<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>
	Vídeo	Reportagem feita para a TV, mostrando as duas ações que ocorreram na cidade.
<b>Quem fala (por ordem de aparição)</b>	<b>O que fala</b>	
Enfermeira	No texto, apenas a profissional é entrevistada. Ela afirma que: "A mãe que amamenta no peito não precisa se preocupar com nada. É menos gasto para o planeta, menos lata, menos mamadeira, menos combustível, mais saúde, mais energia e quem ganha é a mãe, a família, o pai e a sociedade. Diminui o risco de mortalidade infantil, diminui o risco de poluição do planeta".	
<b>Abordagem no texto</b>	Mamaço na praça; a amamentação é apresentada como um ato de amor e que ajuda a preservar o meio ambiente; aleitamento exclusivo; Lei municipal.	

## Anexo 3 - Matéria de 2011 analisada

G1

BRASIL

12/05/2011 17h35 - Atualizado em 12/05/2011 21h11

### Mulheres fazem 'mamaço' pelo direito de alimentar os filhos em SP

Antropóloga foi impedida de amamentar em espaço de exposição em março. Mães debateram o caso na internet e organizaram o encontro nesta quinta.

Glauco Araújo  
Do G1, em São Paulo

FACEBOOK

Um grupo de mães se mobilizou por meio de redes sociais na internet para realizar um 'mamaço' no Itaú Cultural da Avenida Paulista, na tarde desta quinta-feira (12). A motivação do encontro surgiu após a antropóloga Marina Barão, 29 anos, ser proibida de amamentar um dos dois filhos [Francisco, 3 meses, e Antonio, 2 anos] em uma exposição de arte no espaço cultural, em março deste ano. A funcionária disse que era norma da instituição não permitir que pessoas se alimentassem no espaço. O evento reuniu cerca de 30 mães e seus filhos lactentes.

O caso foi parar em uma lista de discussão na internet. De imediato, o diretor do espaço cultural, Eduardo Saron, pediu desculpas públicas em uma rede social e ofereceu o mesmo local de onde a mãe tinha sido impedida de amamentar o filho para debater o tema. "Sou pai de um menino de 8 meses, o Gabriel. Cheguei a minha casa e quase apanhei da minha mulher quando soube do ocorrido. Isso abriu um debate em minha casa e serviu de aprendizado para o espaço cultural também. Mudamos nossa política de atendimento ao público e abriremos espaços destinados para as mães."

A antropóloga disse que a forma como o problema se tornou uma inspiração para debater e difundir a amamentação deve se espalhar por outros centros culturais. "Quero que isso reverbere para outros lugares e espaços específicos para implemento da cultura. Temos carência de lugares com trocadores, com espaço para acomodar nós mães", disse Marina.



Marina Barão, 29 anos, foi impedida de amamentar o filho Francisco em uma exposição de arte (Foto: Glauco Araújo/G1)

Saron disse que assumiu a culpa pela forma como a funcionária orientou a mãe no espaço da exposição. "A culpa é nossa. A funcionária não foi bem instruída para aquele tipo de abordagem. Há normas de museologia que impedem a alimentação em locais de exposição, mas há uma grande diferença entre alimentação e amamentação. Mudamos a norma para evitar interpretações



Eduardo Saron, diretor do Itáú Cultural, disse que quase apanhou da mulher em casa (Foto: Glaucio Araújo/G1)

equivocadas."

Apesar de não ter aceitado com naturalidade o impedimento de amamentar o filho, a antropóloga afirmou que a funcionária agiu com delicadeza. "Ela foi muito gentil. Ela mesma ficou sem graça e me pediu desculpas por aquela situação", disse Marina.

A estilista Paula Linadi, 35 anos, participou do 'mamaço' nesta quinta-feira com seu filho Noah, 3 meses. "A amamentação, antes de ser apenas uma alimentação, é uma forma de aumentar o vínculo entre mãe e filho. Quem se incomodar, o problema não é meu". Ela disse

que amamentou o primeiro filho, Ian, 4 anos, até os 12 primeiros meses. "Não me arrependo."



Paula Linadi, 35 anos, alimenta o filho Noah, 3 meses durante evento em espaço cultural (Foto: Glaucio Araújo/G1)

A mãe precisa ser preparada para alimentar os filhos e saber que são capazes de fazer isso. Somos mamíferos e nada mais natural que mamemos"

Felícia Pilli, 26 anos, artista plástica

A empresária Carol Queiroz, 33 anos, disse que a discussão sobre o problema vivido por Marina no espaço cultural teve um lado positivo, porque ambas as partes se uniram em prol de uma mesma ideia. "O mais importante de tudo isso é que as pessoas aprendam que a amamentação não deve se tornar um tabu e que as crianças não vejam isso como um problema. É uma hipocrisia, um absurdo não poder amamentar seu filho em espaço público."

Mãe de Leon, 10 meses, e Tom, 5 anos, a empresária disse que não vai medir esforços e nem controlar o tempo que seu filho mais novo irá amamentar. "O meu primeiro filho amamentou até os 3 anos. O Leon não terá impedido de tempo para se alimentar."

A artista plástica Felícia Pilli, 26 anos, tratou de registrar o encontro com sua máquina fotográfica, enquanto dividia os ombros com o equipamento e sua filha Maria Valentina, de 1 ano e 2 meses, que ainda amamenta. "É natural. Há muita divulgação de alimentação artificial, de leite em pó. A mãe precisa ser preparada para alimentar os filhos e saber que são capazes de fazer isso. Somos mamíferos e nada mais natural que mamemos."

Ana Cristina Duarte, representante do Grupo de Apoio a Amamentação Ativa (Gama), participou da organização do evento. "Queremos reforçar o papel de mãe que



Carol Queiroz, 33 anos, amamenta o filho Leon, 10 meses, durante encontro de mães (Foto: Glauco Araújo/G1)



Patrícia Boudaquian, 29 anos, e sua filha Alice, 2 meses (esq.); e Felícia Pili, 26 anos, com Maria Valentina, de 1 ano e 2 meses (Foto: Glauco Araújo/G1)

amamenta. Queremos debater o assunto e mostrar que a amamentação deve ser respeitada e apoiada."

"Somos mães que amamentam. Nosso papel é de acolhimento a quem quer amamentar e de auxiliar as mulheres que querem e podem amamentar", disse Flávia Gontijo, apoiadora do grupo.



Roberta Martinho, 36 anos, e sua filha Pietra, 3 meses (Foto: Glauco Araújo/G1)



Crianças brincam em encontro que incentivou a amamentação em espaço público (Foto: Glauco Araújo/G1)



Cerca de 30 mães participaram do encontro na tarde desta quinta-feira, em São Paulo (Foto: Glauco Araújo/G1)



Paloma Avendanho, 31 anos, e sua filha Laura, 5 meses; e Cássia Marise de Souza, 27 anos, e sua filha (Foto: Glauco Araújo/G1)

## Anexo 4 - Matéria de 2012 analisada

Publicado em sexta-feira, 3 de agosto de 2012 às 07:00 [Histórico](#)

# Grande ABC terá 'mamaço' contra tabus

0 Comentário(s) [Comunicar erros](#)

Maíra Sanches  
Do Diário do Grande ABC



As mães que amamentam e apoiam a divulgação do aleitamento materno poderão participar de evento inédito no Grande ABC. Domingo, às 11h, no Parque Engenheiro Salvador Arena, em São Bernardo, são esperadas pelo menos 40 mulheres para a realização do

primeiro mamaço da região.

Um dos objetivos do encontro é o enfrentamento do preconceito, já que muitas pessoas rejeitam o fato de mulheres amamentarem seus bebês em espaços públicos. "Atualmente temos de lidar com as coisas de forma moderna, mas sem perder o que é natural. Somos mães", explica uma das organizadoras, Carla Carpuano, integrante do Grupo MaternaMente, mentor da ideia.

**QUER ASSISTIR DJAVAN E GAL COSTA EM SÃO BERNARDO?**  
ASSINE O DIÁRIO DO GRANDE ABC (IMPRESSO + ONLINE) E GANHE UM PAR DE INGRESSOS PARA O SHOW.\*

17/02 SEXTA FEIRA PAVILHÃO VERA CRUZ SÃO BERNARDO

\*VÁLIDO PARA OS PRIMEIROS 12 LEITORES | ASSINATURA SEMESTRAL DIÁRIA COM PAGAMENTO EM CARTÃO DE CRÉDITO (CONSULTE CONDIÇÕES).

**DIÁRIO DO GRANDE ABC**

O evento acontece na Semana Mundial do Aleitamento Materno, celebrada entre 1º e 7 de agosto. O encontro deve durar pelo menos uma hora. Por lá, organizadoras vão distribuir material com informações que incentivam o aleitamento materno não só exclusivo (até seis meses) como também até 2 anos ou mais de idade. Quem quiser participar é só levar o filho e

amamentar junto às outras mães.

A maternidade ativa é outra bandeira erguida pelo grupo, que defende a liberdade de escolha das mães em relação ao nascimento do bebê ou desde a gestação. Ou seja, sendo parto normal, humanizado ou induzido, a preferência da mãe deve ser considerada. "Tem muito tabu em cima disso. Há retrocessos acontecendo. Precisamos resgatar o poder da mulher enquanto mamífero. O corpo é nosso. Não é decisão do médico", explica.

A polêmica vem de encontro com a interferência de médicos nas decisões das mães sobre onde e como terem seus filhos. Elas avaliam que o debate deve se basear em estudos e dados científicos, e não no achismo. "Não somos hippies. Entendemos os riscos e benefícios de cada tipo de parto. Mas as mulheres precisam, pelo menos, ter essas informações."

No domingo, na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, gestantes farão a Marcha pela Humanização do Parto. A manifestação é contra a decisão do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, que proibiu médicos de realizarem partos domiciliares. Em São Paulo, a Marcha do Parto em Casa aconteceu dia 17 de junho.

#### **ENCONTROS**

O Grupo MaternaMente nasceu há três anos e organiza quinzenalmente encontros para mulheres interessadas no assunto. Há debates focados em questões como os desafios da maternidade e tipos de partos. Quem quiser acompanhar pode comparecer todo último sábado do mês, na Clínica Spacci, Rua das Monções, 1.109, bairro Campestre. O outro encontro é feito todas as quartas-feiras à Rua David de Campista, 180, Vila Guiomar. Informações pelo telefone 9201-5245.

## Anexo 5 - Matéria de 2014 analisada

Jornal de Santa Catarina Geral Segurança Política e Economia Esportes Anexo Donna Assinaturas Santa de A a

Últimas notícias Blogs Serviços Clima Multimídia Edição

Jornal de Santa Catarina Geral Notícias

Mães e filhos 02/08/2014 | 06h01

### Hora do Mamaço em Blumenau reúne mães em luta contra o preconceito pela amamentação em locais públicos

Evento criado pela organização Aleitamento Materno Solidário (AMS) chega a terceira edição

Compartilhar



Mamaço ocorre neste sábado em Blumenau. A participação é gratuita e aberta ao público em geral  
Foto: Patrick Rodrigues / Agência RBS

**Aline Camargo**  
aline.camargo@santa.com.br

Uma das ações mais naturais desde que os seres humanos habitam a Terra, a amamentação tem se tornado alvo de polêmica. A **Hora do Mamaço**, evento criado pela organização comunitária brasileira Aleitamento Materno Solidário (AMS) em 2012, chega à terceira edição neste sábado para fortalecer o direito à amamentação em qualquer lugar.

**>> Mães contam experiência de amamentar em público em Blumenau**

Em Blumenau, as mães se reúnem no jardim do Teatro Carlos Gomes. Vão amamentar, esclarecer dúvidas e mostrar que oferecer alimento ao filho é um gesto saudável e precisa ser resguardado. Desde junho, a lei estadual 16.396 garante o direito à amamentação em qualquer lugar público e determina advertência e multa de R\$ 2 mil e R\$ 40 mil para estabelecimentos que descumprirem a norma. Há muito anos, porém, o Estatuto da Criança e do Adolescente já determina que o poder público, as instituições e os empregadores proporcionem condições adequadas ao aleitamento materno.



Mesmo sendo primordial, mães vem sofrendo represálias por amamentar em público. Janine, Jerusa, Scheila e Mariana são exemplos de mulheres que sofreram constrangimentos, de olhares de reprovação a pedidos para amamentar no provador de uma loja.

Para o pediatra e professor do curso de Medicina da Furb Tarcísio Lins Arcoverde, este comportamento é reflexo da sexualização da imagem do seio:

— As pessoas têm dificuldade de aceitar que o seio materno alimenta. É curioso que num shopping, por exemplo, onde tem uma praça de alimentação, criem uma salinha de amamentação. É claro que se ela se sente desconfortável ao dar de mamar em público ela deve ter um lugar reservado, mas a amamentação deve ser encarada como alimentação natural.

Ele questiona ainda a exposição de mulheres seminuas nos meios de comunicação em comparação ao choque de encontrar uma mãe amamentando em um shopping:

— Uma coisa curiosa é que expor os seios do ponto de vista do Carnaval, por exemplo, não há nenhum problema, mas se uma mulher expõe o seio para alimentar o próprio filho as pessoas ficam horrorizadas. É incompreensível.

A psicóloga do Banco de Leite Humano de Blumenau, Celene Kucher, divide a opinião com o pediatra, destacando que a sociedade moderna prioriza a função estética do corpo e por isso o seio é visto, primeiramente, como órgão sexual e de apelo erótico. Ela ainda ressalta que eventos como o Mamaço podem ajudar a mudar o pensamento em relação à amamentação em público.

— O seio tem essas duas funções que são nobres, de sexualidade e de alimentação, mas no momento em que a mãe está amamentando ele é da criança, é para isso que serve. Acho que à medida que as pessoas ouvem falar mais nisso, com esses eventos, e isso ganha a força do coletivo, a consciência vai mudando — avalia.

Confira também a opinião da nutricionista da Secretaria de Saúde de Joinville e facilitadora do Ministério da Saúde para a Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil, Janine Guimarães:

"Cada vez mais fica evidente o descompasso entre o avanço científico sobre a amamentação e o ato de amamentar enquanto uma prática socialmente instituída. A amamentação precisa ser encarada como um dos atributos que caracterizam a maternidade como um bem social compartilhado. Necessita, portanto, ser compreendido como um processo político e social, na medida em que é um ato compartilhado e, portanto, regulado pela sociedade que imprime sua ideologia. É uma opção da mulher, determinada por suas condições concretas de vida. Neste sentido, a rede de apoio, que inclui a família, os amigos, os profissionais de saúde e toda a sociedade são fundamentais para encorajar e amparar a mulher que amamenta. Se a construção de um estado mais digno no futuro depende dos investimentos na infância, a amamentação rompe as fronteiras da saúde para ser discutida como uma questão de cidadania, entendendo que o primeiro direito que toda criança tem neste mundo é o direito ao leite materno como salvaguarda à vida".

### **Serviço**

#### **Hora do Mamaço**

**O quê:** Amamentação coletiva

**Onde:** Jardim do Teatro Carlos Gomes

**Quando:** Sábado, 2 de agosto

**Horário:** 10h

Participação gratuita e aberto a todos: mães que amamentam e pessoas que apoiam a causa

## Anexo 6 - Matéria de 2016 analisada

G1

MINAS GERAIS

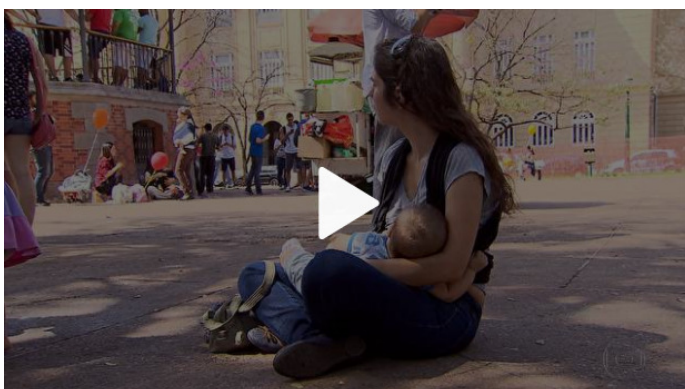
06/08/2016 20h31 - Atualizado em 07/08/2016 13h02

### Grupo de mulheres faz 'mamaço' em atos pelo aleitamento materno em BH

Na Praça da Liberdade, elas falaram sobre a importância da amamentação. Enfermeira explica que o aleitamento ajuda a preservar o meio ambiente.

Do G1 MG, com informações do MG TV

FACEBOOK



Dezenas de mães se reuniram em dois eventos, em Belo Horizonte, neste sábado para celebrar a Semana Mundial de Aleitamento Materno. Em um deles, elas fizeram um "mamaço" na Praça da Liberdade, na Região Centro-Sul da cidade. E o recado que elas querem dar é que amamentar é um ato de amor e que ajuda a preservar o meio ambiente.

#### saiba mais

**Prefeito de BH sanciona lei que multa quem proibir mães de amamentar**

De acordo com o Ministério da Saúde, 40% das mulheres brasileiras amamentam. Mas a meta que cada vez mais mulheres continuem oferecendo apenas o leite materno a seus filhos até o sexto mês de vida.

A Praça da Liberdade foi um dos lugares onde as mães se reuniram para um "mamaço". E o Hospital Sofia Feldman também recebeu as mães e apoiadores da amamentação.

A enfermeira Cíntia Ribeiro explica que a amamentação protege a saúde do bebê e contribui para a diminuição da poluição. "A mãe que amamenta no peito não precisa se preocupar com nada. É menos gasto para o planeta, menos lata, menos mamadeira, menos combustível, mais saúde, mais energia e quem ganha é a mãe, a família, o pai e a sociedade. Diminui o risco de mortalidade infantil, diminui o risco de poluição do planeta", explicou.

Em Belo Horizonte, **uma lei municipal determina que nenhum estabelecimento da capital pode proibir as mães de amamentar em público**. A lei foi sancionada e está em processo de regulamentação. A partir do fim de setembro, a previsão é que quem descumprir a legislação vai pagar multa de R\$ 500.